



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



ELEN CRISTINA FREIRE

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A LITERATURA AFRICANA E AS
NOVAS TECNOLOGIAS**

SINOP - MT

2015

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F586l Freire, Elen Cristina.

Letramento literário: a literatura africana e as novas tecnologias / Elen Cristina Freire. – Sinop, 2015.

110 p.

Orientador: Dr. Antonio Aparecido Mantovani.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Leitura. 2. Letramento Literário. 3. Africanidades. 4. Textos - Produção. Mestrado Profissional em Letras. I. Mantovani, Antonio Aparecido, Dr. II. Título. III. Título: a literatura africana e as novas tecnologias.

CDU 811:37(6)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar -
CRB1 2037.

ELEN CRISTINA FREIRE

**LETRAMENTO LITERÁRIO: A LITERATURA AFRICANA E AS
NOVAS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração:
Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani

SINOP – MT

2015

ELEN CRISTINA FREIRE

LETRAMENTO LITERÁRIO: A LITERATURA AFRICANA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dr. Rubens Pereira dos Santos
Universidade do Estado de São Paulo – UNESP/Assis

Profa. Dra. Vera Lúcia Maquêa
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres

SUPLENTES

Profa. Dra. Ana Cláudia Duarte Mendes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Dourados

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 04 de agosto de 2015.

Local da defesa: Sala CEI– *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Anderson e a meus filhos Gustavo e Guilherme, que me apoiaram e confiaram em minha capacidade e determinação.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar por estar ao meu lado, fortalecendo-me e protegendo-me em todos os momentos;

A meus pais Elio Freire, Margarida Freire e a irmão Elio Freire Junior pelo incentivo e confiança;

À minha sogra Cícera Corrade pela confiança e pelos cuidados prestados a mim e a minha filha Ana Julia que nasceu durante este mestrado;

A todos os meus familiares que sempre auxiliaram e acreditaram em meu trabalho e em minha dedicação;

Aos professores do Mestrado Profissional Profletras: Adriana Lins Precioso, Antonio Aparecido Mantovani, Genivaldo Rodrigues Sobrinho, Leandra Inês Seganfredo Santos, Luzia Aparecida Oliva dos Santos, Mônica Cidele da Cruz, Sandra Luzia Wrobel Straub e Tânia Pitombo de Oliveira pela contribuição através das disciplinas para o meu crescimento profissional e possibilitaram o aperfeiçoamento do meu trabalho;

Ao orientador Professor Dr. Antonio Aparecido Mantovani pela confiança e pelas orientações que muito contribuíram na realização deste trabalho;

Aos meus colegas da primeira turma do Mestrado Profissional Profletras pela companhia e pela parceria nos trabalhos desenvolvidos;

Aos meus queridos amigos Polyana Sampaio Scrimim e Ademir Juvêncio pelas vivências compartilhadas e pelo companheirismo durante o mestrado;

À equipe gestora da Escola Estadual Virgílio Correa Filho que permitiram e apoiaram o trabalho com os alunos;

Aos alunos das terceiras fases A, B, C, D e E que participaram das atividades propostas e contribuíram com suas produções para que este trabalho pudesse ser realizado com êxito.

Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver atividades de intervenção com enfoque no letramento literário e nas literaturas africanas buscando aprimorar a leitura e a escrita dos alunos bem como a criação da prática de leitura literária, uma forma de conhecimento que possibilita a humanização. Para isto foi utilizada a sequência básica do letramento literário sistematizada por Rildo Cosson (2014) em suas quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Questões políticas e sociais, tanto brasileiras quanto moçambicanas foram abordadas durante a sequência básica para levar os alunos a uma reflexão sobre as condições de desigualdade social, preconceito e racismo vivenciados por africanos e afro-brasileiros. O conto foi o gênero textual elencado para o desenvolvimento da sequência básica, trazendo ao conhecimento dos alunos a literatura africana, sobretudo de Moçambique. O trabalho em sala de aula teve como motivação para a leitura o uso de música, documentários, vídeos e PowerPoint. E como produto final, os alunos produziram contos, que feitas as revisões e reescritas, foram publicados na página do Facebook '*Escola Virgílio: Jovens Autores*'. Estes contos podem comprovar a importância deste trabalho de intervenção pelos resultados positivos. Ao ampliar o universo cultural dos alunos, estimular uma leitura prazerosa, crítica e reflexiva, eles foram capazes de produzir bons textos.

Palavras-chave: Leitura. Letramento literário. Africanidades. Produção de texto.

ABSTRACT

This study aimed to develop intervention activities focusing on literary literacy and African literature seeking to improve the reading and writing of students as well as the creation of the literary reading practice, a form of knowledge and humanization. For this we used the literacy of the Basic Program Literary systematized by Rildo Cosson (2014) in its four stages: motivation, introduction, reading and interpretation. Political and social issues, both Brazilian and Mozambican were addressed during the basic sequence to take students to reflect on the conditions of social inequality, prejudice and racism experienced by African and african-Brazilian. The story was the genre part listed for the development of basic sequence, bringing to the attention of students to Africans literatures, especially Mozambique. The work in the classroom had the motivation to read the use of music, documentaries, videos and PowerPoint. And as a final product, students produced short stories, which made revisions and rewrites, were published in the Facebook 'Escola Virgílio: Jovens Autores' page. These tales can prove the importance of this intervention work by the positive results. By broadening the cultural universe of students, stimulating a pleasurable reading, critical and reflective, they were able to produce good texts.

Keywords: Reading. Literary literacy. Africanities. Text production

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escolaridade	298
Figura 2 - Atividade favorita.....	309
Figura 3 - Gosto pela leitura	309
Figura 4 - Hábito de leitura - Familiares	30
Figura 5 - Preferência literária	30
Figura 6 - Realização de leituras.....	31
Figura 7 - Atividade após leitura da obra.....	31
Figura 8 - Dificuldades em compreender a obra	32
Figura 9 - Renda familiar	32
Figura 10 - Aquisição de livros	33
Figura 11 - Leitura de livros em série	33
Figura 12 - Compra de livros.....	354
Figura 13 - Leituras por meio eletrônico.....	354
Figura 14 - Vídeo da música “Até Quando” – Gabriel o Pensador. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=b7W7T14j55Y).....	45
4	
Figura 15 - Vídeo da música “Até Quando” – Gabriel o Pensador. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=b7W7T14j55Y).....	454
Figura 16- Favela “Estrutural” em Brasília - DF. (Fonte: http://geografiapaisagemurbana.blogs	487
Figura 17 - Favela “Brasília Teimosa” em Recife - PE. (Fonte: http://geografiapaisagemurbana.blogspot.com.br/p/paisagem-urbana-das-periferias.html).....	48
Figura 18 - Documentário “Moçambique: uma cultura rica e uma história de vida sofrida” – Economia e moeda corrente em Moçambique. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=c3S_lzeRmWI)	509
Figura 19 - Documentário “Moçambique: uma cultura rica e uma história de vida sofrida” – As ruas da capital Maputo. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=c3S_lzeRmWI)	509

Figura 20 - Alunos da 3ª Fase A, assistindo ao documentário “Moçambique – uma cultura rica e uma história de vida sofrida. (Fonte: acervo do autor).....	50
Figura 21 - Revolta.....	51
Figura 22 - Aluna Ana Lucia.....	532
Figura 23 - Mudanças Já (1).....	543
Figura 24 - Mudanças Já (2).....	554
Figura 25 - 3ª Fase A – leitura do conto através do projetor. (Fonte: acervo do autor).....	609
Figura 26 - Grupo de guerrilheiros durante a guerra civil em Moçambique. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=QrzlsAEFLXQ).....	61
Figura 27 - Documentário sobre Moçambique e suas questões políticas e sociais. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=QrzlsAEFLXQ).....	61
Figura 28 - Documentário sobre Moçambique e suas questões políticas e sociais. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=QrzlsAEFLXQ).....	632
Figura 29 - Alunos da 3ª Fase D – Preparação para as apresentações dos artigos. (Fonte: acervo do autor).....	654
Figura 30 - Alunos da 3ª Fase D – Elaboração de cartazes para apresentação dos artigos. (Fonte: acervo do autor).	654
Figura 31 - Alunos da 3ª Fase C – Estudos para apresentação dos artigos. (Fonte: acervo do autor).....	665
Figura 32 - 3ª Fase B – Leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho” (Fonte: acervo do autor).....	709
Figura 33 - 3ª Fase D - Leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho” (Fonte: acervo do autor).....	709
Figura 34 - 3ª Fase D – Visita ao site “Recanto das Letras” (Fonte: acervo do autor).....	70
Figura 35 - Gabriel Yud.....	70
Figura 36 - Juliana Nunes Silva.....	71
Figura 37 - Relatório.....	71
Figura 38 - Relatório.....	732
Figura 39 - Relatório.....	732
Figura 40 - Conto: Os segredos da morte.....	798

Figura 41 - Conto: Os segredos da morte (continuação)	809
Figura 42 - Conto: a Casa 42	81
Figura 43 - Digitação dos contos com alunos da 3ª Fase C. (Fonte: acervo do autor.).....	843
Figura 44 - Digitação dos contos com os alunos da 3ª Fase B. (Fonte: acervo do autor.).....	843
Figura 45 - Página Escola Virgílio: Jovens Autores. (Fonte: http://www.facebook.com/autoresdavirgilio)	85
Figura 46 - Blog da Escola Virgílio Corrêa Filho. (Fonte: www.eevirgilio.blogspot)	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	143
1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	187
1.1 O LETRAMENTO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO	209
1.2 MULTILETRAMENTOS E LITERATURA: UMA MANEIRA DIFERENTE DE LER.....	232
1.3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	254
1.4 AS LITERATURAS AFRICANAS NO COTIDIANO ESCOLAR.	376
1.5 LEI 10.639/03: MUDANÇAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	409
2. A SEQUÊNCIA BÁSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA MOTIVAÇÃO.....	41
2.1 MOMENTO DE SOCIALIZAÇÃO DAS IDEIAS	465
2.2 PRODUÇÕES INICIAIS	50
2.3 A INTRODUÇÃO	565
2.4 A LEITURA	587
2.5 A INTERPRETAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS.....	676
3. ATIVIDADE DE PRODUÇÃO FINAL.....	765
3.1 COMANDO DE PRODUÇÃO TEXTUAL.....	776
3.2 OS RESULTADOS.....	787
3.3 DIVULGAÇÃO DOS CONTOS PRODUZIDOS.....	832
CONSIDERAÇÕES FINAIS	898
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS.....	93
APÊNDICE A: AUTORIZAÇÃO.....	95
APÊNDICE B: SONHOS AMARGOS.....	96
APÊNDICE C: O AMOR E O PRECONCEITO.....	96
APÊNDICE D: A CASA FANTASMA.....	97
APÊNDICE E: E QUANDO O CÂNCER VEM À TONA?.....	98
APÊNDICE F: O PENHASCO.....	99
APÊNDICE G: TRÊS AMIGOS E UMA HISTÓRIA.....	100
APÊNDICE H: O TESTE.....	101

APÊNDICE I: O SEQUESTRO.....	102
APÊNDICE J: A MENINA QUE AMAVA ALGUÉM.....	103
ANEXO A: O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL....	104
ANEXO B: O GRANDE ENCONTRO.....	108
ANEXO C: FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO.....	110

INTRODUÇÃO

Diariamente nos deparamos com situações difíceis e desafiadoras no que tange ao ensino de literatura nas escolas e muitas vezes tem-se que enfrentar a resistência dos próprios professores e gestores escolares quanto ao ensino e permanência da literatura no currículo e o maior desafio é fazer com que nossos alunos leiam e que a escola aceite literatura como fonte de aprendizado, aquisição do saber, instrumento de reflexão e humanização. As pessoas estão cada vez mais distantes dos livros de literatura e o número de leitores nas famílias está diminuindo a cada dia e tornando o hábito de ler mais raro. A cena se repete nas aulas de Leitura, Literatura e Língua Portuguesa, pois quando o professor solicita a leitura de uma obra, alunos resistem, reclamam e buscam livros “fininhos” que pouco somam ao conhecimento.

Também é agravante o desinteresse de uma grande quantidade de alunos pelas atividades escolares. Isto gera descaso, indisciplina e uma queda considerável de seu aprendizado, torna o trabalho do professor pouco produtivo e traz um sentimento de frustração deixando-o desmotivado. Diante desta constatação, como fazer com que os alunos criem o hábito da leitura? Como torná-los leitores efetivos? Tais fenômenos transformaram-se em fonte de estudos e pesquisas de muitos especialistas, para compreender e buscar alternativas que tragam resultados positivos.

A motivação para a criação deste projeto partiu da necessidade de elaborar atividades pedagógicas de intervenção, pois muitas escolas enfrentam problemas de desinteresse dos alunos pelos conteúdos escolares, sobretudo pela prática pouco eficiente de leitura e produção de texto. Problemas sociais e familiares, práticas pedagógicas sem efeitos, relação conflituosa entre educandos e professores, por exemplo, podem ser algumas das causas do desinteresse dos alunos.

Diante dessas constatações, a proposta foi desenvolver atividades que motivassem a oralidade, a leitura e a produção textual dando aos alunos a oportunidade de serem ouvidos, levando-os à reflexão sobre suas ações diante de situações cotidianas e como elas interferem na convivência familiar e social.

Para que isso se torne possível, a literatura pode ser um instrumento importante por possibilitar a humanização das pessoas. A utilização de contos aliados às tecnologias podem contribuir para que os alunos tornem-se indivíduos críticos, reflexivos e promover assim o letramento literário.

As atividades desenvolvidas ao longo do projeto envolveram o gênero textual conto e a literatura africana de língua portuguesa com a leitura e o estudo do conto do autor moçambicano Mia Couto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial*. Aspectos sociais, políticos e culturais de Moçambique foram abordados durante as etapas da Sequência Básica desenvolvida, pautada nas teorias sistematizadas por Cosson (2014). A desigualdade social, segregação, racismo e preconceito foram assuntos constantemente tratados e levou ao conhecimento dos alunos a sofrida história do povo africano, sobretudo dos moçambicanos que até hoje vivem as consequências do colonialismo português e da guerra civil que geraram miséria, doenças e analfabetismo.

No primeiro capítulo, trataremos dos desafios enfrentados diariamente pelos educadores para despertar nos alunos o gosto pela leitura literária, sobretudo a importância da escola em exercer seu papel formador de indivíduos letrados, bem como de influenciar os alunos para o hábito da leitura. A definição e origem das palavras **letramento**, **analfabeto**, **letrado** também são esclarecidas por Soares (2009), para que possamos compreender melhor o processo de letramento e sua importância na formação de indivíduos capazes de fazer uso social da leitura e da escrita, e não apenas codificar e decodificar símbolos linguísticos.

Hoje muitos educadores enfatizam a importância de um espaço para a literatura no currículo escolar. Para isto, faz-se necessário que professores e equipe gestora compreendam a importância da literatura na formação dos indivíduos. Há algum tempo as pessoas eram alfabetizadas e educadas através da literatura, que por sua vez era acessível apenas para a elite. Questões financeiras tornam o acesso ao mundo literário mais distante, pois a renda familiar da maioria dos brasileiros é pequena e os livros são caros, aumentando a distância entre a literatura e muito leitores.

A escola tem o papel de influenciar os alunos e envolvê-los com o mundo literário, mas ainda se restringe geralmente a textos “fáceis” e condensados do

livro didático. Em sua maioria as escolas possuem bibliotecas com acervos reduzidos e profissionais que ainda resistem em ver o texto literário como forma de educar e ensinar.

Com o crescimento das tecnologias, a inserção dos multiletramentos no ambiente escolar tornou-se imprescindível para a educação. Se o letramento consiste em tornar um indivíduo capaz de fazer uso social da leitura e da escrita, o multiletramento também é uma forma de inserir o indivíduo no mundo letrado, utilizando a tecnologia como ferramenta de ensino e aprendizagem. Na era digital em que computadores, internet, celulares e outros aparatos tecnológicos fazem parte do cotidiano dos nossos alunos, a educação não pode ficar atrás. Utilizar as tecnologias para promover o letramento é hoje indispensável para uma educação de qualidade e atrativa ao alunos.

Outro aspecto importante que será abordado neste trabalho é a implantação da Lei 10.639/03 que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", modificando assim o Art. 26 LDB/96. Conhecer a história e a cultura africana e afro-brasileira é importante para que nossas crianças aceitem e orgulhem-se de sua cor e de suas raízes, desfazendo o estereótipo de que negros não possuem capacidade intelectual, profissional e principalmente que desfaça a imagem de submissão e escravidão incutida em nossa sociedade e geram pensamentos e atitudes racistas.

Tendo em vista todo o processo de letramento literário, sua importância na formação do indivíduo, a utilização das tecnologias como instrumento importante no processo de letramento e a implantação da Lei 10.639/03 na Rede de Ensino, elaborou-se este projeto que utilizará a Sequência Básica do Letramento Literário com atividades de intervenção em uma escola da rede estadual de ensino de Nova Mutum – MT, com cinco turmas de terceiras fases do terceiro ciclo do período matutino.

O segundo capítulo trará o desenvolvimento do trabalho com as atividades elaboradas a partir da Sequência Básica em suas quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, tendo em vista o letramento literário e o aprimoramento da escrita. Para mensurar o aprendizado dos alunos através

da Estética da Recepção e da prática desenvolvida com a Sequência Básica, alguns textos foram analisados.

O último capítulo mostra a finalização do trabalho que teve como produto final a produção de um conto, publicado na página do Facebook “Escola Virgílio: Jovens autores” e no blog da Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho. O trabalho envolveu música, vídeos e documentários que relataram situações de desigualdade social, preconceito e racismo, envolveu os alunos em discussões e estimulou a exposição de suas ideias, opiniões e até mesmo o compartilhamento de suas experiências.

Por tratar-se de uma escola em que, tanto os professores quanto equipe gestora trabalham pela erradicação do desinteresse e indisciplina, o trabalho iniciou com apenas uma turma de vinte alunos, mas que de forma surpreendente, chamou a atenção das outras quatro turmas, estendendo as atividades para todos.

Para iniciar o projeto, utilizamos a música como ferramenta de aprendizagem, com ritmo agradável à faixa etária dos alunos, cuja letra despertou discussão e reflexão dos jovens sobre nossos conflitos sociais, políticos e econômicos. Documentários e PowerPoint sobre Moçambique e bairros carentes aqui no Brasil foram apresentados para que os alunos pudessem conhecer um pouco sobre nossas raízes, sobre a história de um povo escravizado, humilhado e colocado em situação de submissão pela sociedade branca. Com o projeto, a turma tímida que só ouvia e não desenvolvia muita coisa em sala de aula passou a ter participação ativa e reflexiva nas discussões em torno das atividades desenvolvidas.

1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores está em fazer com que os alunos leiam por prazer diante de um mundo informatizado. Porém, o que mais preocupa é perceber que a apreciação do texto literário está cada vez mais ausente nas escolas e quando a leitura acontece, não há compreensão. A escola deve exercer um importante papel em formar indivíduos letrados, e não apenas alfabetizados. Mas para que isso ocorra, o hábito da leitura desempenha uma função imprescindível no processo de letramento.

Para compreendermos melhor o significado da palavra “letramento” e quais as diferenças entre *letrar* e *alfabetizar* é importante irmos à raiz da palavra, como e por que surgiu. O termo *letramento* ainda não está presente nos dicionários, mas Soares (2009, p. 16) analisa o significado de *analfabeto* e *letramento* de acordo com os dicionários Aurélio e Caldas Aulete: *analfabeto* é o indivíduo que não sabe ler e escrever; *letrado* é o indivíduo culto, erudito, que possui conhecimentos literários. Já a palavra letramento vem do termo em inglês *literacy*, que etimologicamente vem do latim *littera*(letra). Sendo assim, *literacy* é o estado ou condição daquele que aprende a ler e escrever, e que essa condição traz para o indivíduo consequências sociais e culturais para si e para o grupo em que está inserido. (SOARES, 2009, p. 18)

Soares (2009, p. 18), define letramento como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” Soares (2009) ainda afirma que o indivíduo letrado é aquele que não só sabe ler e escrever, mas sabe utilizar socialmente a leitura e a escrita, e as pratica e responde suas demandas sociais. A leitura deve ultrapassar a decodificação de letras, implicando em habilidades cognitivas e metacognitivas tais como captar significados, interpretar sequência de ideias, fazer analogias e comparações, utilizar linguagem figurada, fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto e muito mais. A escrita é o processo pelo qual o indivíduo irá expressar suas ideias e organizar seus pensamentos por meio dos signos, transmitindo-os ao leitor pretendido.

O aparecimento da palavra **letramento** surgiu da necessidade de mudanças quanto à forma de compreender o processo de alfabetização e as funções básicas que a prática da leitura e escrita desempenham na vida social, cultural e profissional de um indivíduo. Soares (2009, p. 20) explica que passamos por grandes dificuldades para enfrentar a realidade social brasileira, pois hoje não basta apenas saber ler e escrever, é preciso fazer uso dessas habilidades no convívio social. Se antes saber ler e escrever o próprio nome já era suficiente para ser considerado alfabetizado, hoje é preciso aplicar essas habilidades nas práticas sociais, como por exemplo, ler, escrever e compreender textos simples como bilhetes, bulas e receitas, contratos, dentre outros. Hoje a educação brasileira baseia-se em erradicar o analfabetismo e mostrar através de estudos e pesquisas que a quantidade de pessoas analfabetas no Brasil está diminuindo. Com isso, a preocupação está em medir o nível de analfabetismo e não o nível de letramento. Soares (2009, p. 22) explica que

A avaliação do nível de **letramento**, e não apenas da presença ou não da capacidade de escrever ou ler é o que fazem países desenvolvidos, em que a escolaridade básica é realmente universal, e se presume, pois, que toda a população terá adquirido a capacidade de ler e escrever. Assim de um modo geral, esses países toma como critério para avaliar o nível de letramento da população, o número de anos de escolaridade completados pelo indivíduo [...]: o pressuposto é que a escola com 4, 5 ou mais anos, terá levado os indivíduos não só à aquisição da “tecnologia” de ler e escrever, mas também aos usos e práticas sociais da leitura e da escrita, a uma adequada imersão no mundo da escrita. O que interessa a esses países é a avaliação do nível de letramento da população, não do índice de alfabetização.

Percebemos que há uma diferença significativa entre o Brasil e os países desenvolvidos. Obtivemos grandes avanços, mas ainda há muito que melhorar. São vários fatores que interferem para que não tenhamos um ensino de qualidade e realmente voltado aos níveis de letramento, dentre eles o principal é a falta de investimentos. Um país que investe em educação certamente estará livre de muitos outros problemas que impedem o seu desenvolvimento. Soares (2009, p.22) relata ainda que enquanto os países desenvolvidos estão preocupados em medir os níveis de letramento e trabalham em prol de uma população que incorpora a leitura e a escrita em suas práticas sociais, no Brasil ainda trava-se uma batalha contra o “analfabetismo”, ou seja, pessoas que ainda não

conseguem ler e escrever. Vale ressaltar a existência de “analfabetos funcionais” que escrevem apenas seus nomes e pouquíssimas palavras.

Percebe-se nas salas de aula e na sociedade em geral que muitas pessoas mesmo “alfabetizadas”, que leem e escrevem, apresentam muita dificuldade em fazer usos de suas competências nas práticas sociais. Um dos pontos observados tem sido a dificuldade em compreender o que está lendo, a leitura acontece mas não conseguem estabelecer relações entre as informações do texto com a realidade. Para Soares (2009, p. 46) esses indivíduos não se envolvem em práticas sociais de leitura e escrita tais como a leitura de livros, jornais, revistas ou redação de documentos simples. Da mesma forma, encontram dificuldades na elaboração de bilhetes, cartas ou currículos por exemplo. Sendo assim, a constatação desse fenômeno levou ao surgimento da palavra **letramento**.

1.1 O LETRAMENTO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO

Cosson (2014) relata que na Grécia antiga e para os latinos, a alfabetização e formação do indivíduo culto ocorria através dos textos literários, ao contrário do que vemos hoje nas escolas, onde a literatura está sendo deixada em segundo plano e conseqüentemente perdendo o seu papel humanizador. As aulas de literatura muitas vezes se resumem apenas a historiografia e textos fragmentados. Para Cosson (2014), há uma discrepância entre o que se entende por literatura e no ensino fundamental, o texto literário é aquele parecido com ficção ou poesia, de preferência curto e divertido. Já no ensino médio, a literatura limita-se ao ensino de estilos de época, cânones e dados biográficos de autores com textos fragmentados. Há também a recusa dos cânones por serem “pouco atraentes” e de difícil compreensão. Para compreender a importância do letramento literário para o indivíduo, Cosson (2014, p.17) afirma que

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. [...] ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Se é através da literatura que as pessoas vivenciam novas experiências sem perder a sua própria identidade, é fundamental que as escolas compreendam o seu papel humanizador. É através do letramento literário que adquirimos novos conhecimentos, nos colocamos no lugar do outro e compreendemos o mundo que nos cerca. Quando Candido (1995, p.174) afirma que ninguém vive sem a literatura e sem nenhum momento de fabulação, ele se refere à necessidade que o ser humano tem de sonhar, de imaginar, de fazer da ficção parte de sua vida, seja através dos causos, da poesia e da cultura popular, dentre outros. Para o autor, desde o mais humilde até o mais erudito, todos necessitam do universo ficcional e isso constitui um direito.

Proporcionar aos alunos o contato com o texto literário não é tão simples diante de situações que favorecem outras práticas mais atrativas. A falta do hábito de leitura no ambiente familiar, o desinteresse dos alunos pela literatura e a leitura de obras de literatura de massa, são alguns dos fatores que corroboram para o conformismo diante das problemáticas do mundo moderno, proporcionando apenas o letramento funcional. É o direito ao letramento literário que está sendo negado quando não ocorre a valorização da literatura nas escolas, dando espaço a outras atividades e cultivando uma sociedade cada vez mais capitalista. Candido faz a seguinte afirmação:

Entendo por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos. (CANDIDO, 1995, p. 180)

Tendo em vista os argumentos apresentados pelo autor, a escola tornou-se responsável em ofertar aos alunos obras literárias que os levem à reflexão. Os livros didáticos são ferramentas importantes de aprendizagem, mas trazem uma diversidade de textos considerados “fáceis” e acessíveis aos alunos. No entanto, o texto literário está cada vez mais ausente uma vez que as leituras extraclasse são raras e quando ocorrem são massacradas com fichas de leituras e outras práticas que não causam um estranhamento que leva à reflexão. Como esclarece Cosson (2014), há dois extremos nas atividades desenvolvidas em sala de aula: a

exigência de domínio de informações sobre a literatura, e a preocupação de que o aluno leia.

Conhecendo a importância da literatura na formação cultural e na humanização do indivíduo, Rezende et al (2004) apresenta três paradoxos quanto ao ensino de literatura nas escolas: o primeiro deles remete às teorias cognitivistas que destacam a importância da leitura para o desenvolvimento psíquico e social do aluno, mas a interação texto-leitor não existe já que não há leitura. Os alunos resistem em ler o que a escola pede, e se não há livros lidos, não há interação. No segundo paradoxo, Rezende et al (2004) nos remete a LDB que enfatiza a formação crítica e um cidadão autônomo, mas opõe-se a isso um sistema público de ensino que inviabiliza tal formação, com professores mal pagos e mal preparados, aulas que não foram preparadas e alunos resistentes à aquisição de conhecimento. Enquanto que no terceiro, ao professor é atribuída a responsabilidade de formar leitores, mas ele próprio não adquiriu esse gosto pela leitura e não vê o leitor como instância da literatura.

Além destes paradoxos apresentados quanto ao ensino de literatura, deparamo-nos com uma outra problemática não menos importante, a de que os alunos são atraídos por outras modalidades midiáticas e resistem à leitura de obras canônicas, interessando-se apenas por *best-sellers* contemporâneos e outras atividades simultâneas, tais como ouvir música, acessar aplicativos pelo celular ou tablet durante a exposição do professor. Estes novos suportes eletrônicos projetam uma nova forma de aquisição do conhecimento, no entanto muitas vezes ainda não são reconhecidos pela escola (REZENDE, et al, 2004). Sendo assim, concordamos com Cavalcante (2011, p. 18) quando afirma que:

Para compreender e produzir qualquer texto, é necessário mobilizar conhecimentos, não apenas linguísticos, mas também todos os outros conhecimentos adquiridos com a convivência social, que nos informam e nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana.

A literatura tem o papel de formar a personalidade de um indivíduo provocando o estranhamento e oportunizando a todos o direito à fruição, pois tem o poder de confirmar, negar, denunciar, apoiar e combater, dando a possibilidade de vivermos os problemas dialeticamente (CANDIDO, 1995).

Visto que a literatura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento intelectual, promove o letramento e torna as pessoas mais “humanizadas”, Abreu (2006, p. 81) traz duas definições frequentes para literatura: a primeira de que a literatura torna as pessoas melhores a partir do momento em que conhecemos a experiência de outras pessoas, colocando-nos em sua pele; a segunda, é a literatura como um conjunto de textos que podem tornar as pessoas melhores, que está associada à “*cultura de massa*”, porém, tornando-as alienadas ao invés de humanizadas, pois são textos que levam ao conformismo e mostram personagens idealizados, situações de fantasia e falsos problemas. Abreu (2006, p. 82) afirma que

(...) a melhor forma de escapar às armadilhas da alienação e à padronização do mundo contemporâneo, a melhor maneira de manter a consciência das injustiças e da necessidade de combatê-las é a leitura constante de obras de Grande Literatura, pois elas forçam uma reflexão sobre a realidade e permitem que o leitor enxergue melhor o mundo em que vive, incorporando a experiência vivida no contato com o texto às suas próprias experiências pessoais.

Sendo assim, é importante que a escola propicie aos alunos o contato com literatura de qualidade, uma literatura que possibilite a reflexão e questionamento de tudo que o cerca, tornando-se assim, um indivíduo intelectualmente preparado para o mundo.

1.2 MULTILETRAMENTOS E LITERATURA: UMA MANEIRA DIFERENTE DE LER

Estamos em um período no qual a tecnologia está em constante crescimento e a maioria de nossas atividades cotidianas, de uma maneira ou de outra está ligada ao mundo digital, com a utilização do celular enviando mensagens, aplicativos, transações bancárias, pesquisas na internet, redes sociais, e-mails, dentre outros. Assim, Marcuschi (2004, p. 18) observa:

Por outro lado, um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita. Assim, nessa era eletrônica não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos.

Não há como negar que, mesmo com as facilidades da era digital, a escrita continua sendo essencial, mesmo porque ocorre em tempo real para uma grande quantidade de leitores, desde uma simples mensagem até os textos mais elaborados. Mas e a escola? Como o mundo digital está sendo utilizado a favor da educação? Está claro que nossos alunos estão cada vez mais seduzidos por tanta tecnologia, coisas interessantes e dinâmicas que deixam as atividades escolares e o aprendizado em segundo, terceiro plano. É bem mais atrativo trocar mensagens no WhatsApp ou ouvir música no celular enquanto o professor explica o conteúdo aficar ali parado ouvindo exaustivamente o discurso do professor durante quatro ou cinco horas seguidas.

Várias propostas pedagógicas inovadoras estão surgindo para que o aprendizado ocorra realmente. Mas como unir o aprendizado com a tecnologia? Para Rojo (2013), o trabalho com os multiletramentos envolvendo o uso das tecnologias é uma realidade, partindo da cultura popular, local ou de massa, trazida pelos alunos e unida pelos gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para que se inicie um trabalho dinâmico de ampliação de outros letramentos.

Com o desafio de trazer as tecnologias para o ambiente escolar, utilizando-as como ferramenta de ensino e aprendizagem é preciso responder a uma questão importante: o que é o multiletramento? Para ampliar melhor essa ideia, Rojo (2013, p. 13) esclarece que

Além disso, o GNL (Grupo de Nova Londres) também apontava para o fato de que essa juventude - nossos alunos - contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico. Para abranger esses dois “multi” – a multiculturalidade características das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: **multiletramentos.**”

Diante de uma sociedade voltada para o avanço tecnológico como forma de facilitar a comunicação e o acesso à informação, surgiu o conceito de multiletramento, que para Rojo (2013, p. 13; 19) aponta para a multiplicidade de culturas e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos, ou seja, textos compostos de muitas linguagens, exigindo das pessoas capacidade e prática de compreensão e produção.

Segundo Rojo (2013), nossos alunos conseguem lidar com os novos dispositivos e ferramentas tecnológicas tornando-se necessário investigar o uso do “internetês” para entender como funciona, e ao invés de “proibir o uso de celulares” em sala de aula, utilizá-lo em pesquisas, comunicação e atividades com filmagens e fotografias.

O trabalho na escola com esses alfabetismos estaria voltado para as possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores de sentido. Para que isso seja possível, é preciso que eles sejam analistas críticos, capazes de transformar, como vimos, os discursos de significações, seja na recepção ou na produção. (ROJO, 2013, p.29)

A utilização das mídias como ferramentas de ensino e aprendizagem é uma realidade, e as escolas precisam incorporar essa prática em seu cotidiano. Rojo (2013) esclarece que no Brasil o multiletramento além de ser possível, é “desejável”. Contudo, há desafios no que se refere à implementação dessa proposta, tais como a formação/remuneração/avaliação do professor; quais mudanças deverão ocorrer nos currículos, nos descritores de desempenho e nos materiais e equipamentos disponíveis nas escolas e salas de aula.

Na perspectiva dos multiletramentos, o trabalho com leitura e produção textual toma fôlego e apresenta uma série de caminhos a percorrer, tornando as aulas de literatura muito mais dinâmicas e atrativas, oferecendo opções na web para a fruição, aquisição de conhecimento e olhar crítico. Gêneros diversos podem ser trabalhados através da web, através da multimodalidade. Os contos, por exemplo, tomaram novas formas, desde o conto tradicional até o nanoconto, microconto, miniconto e hiperconto, possibilitando aos alunos tornarem-se protagonistas de sua aprendizagem a partir do momento em que criam, produzem, enxergam-se como parte história.

1.3 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO

A proposta do projeto *Letramento Literário: literatura africana e as novas tecnologias*, consiste justamente em inovar as atividades de leitura na escola sob a perspectiva da estética da recepção, ou seja, relacionar as obras lidas com situações cotidianas de maneira reflexiva, utilizando a Sequência Básica como

instrumento para promover o letramento literário. Para compreendermos melhor o que é a “Estética da recepção”, faz-se necessário conhecer um pouco de história.

Estética da recepção é a forma como o leitor recebe a obra e a compara com outras obras, estabelecendo relações entre elas e com o mundo que o cerca. A sistematização da literatura surge na Alemanha na década de 1960, com Hans Robert Jauss, durante uma exposição em um congresso bienal de romanistas na Universidade de Constança. Essa bienal ficou mais conhecida como “Provocação”, pois nesse período, aspectos políticos e sociais bem como as investigações literárias afetavam a vida universitária, dando força ao poder jovem. Questionavam-se os métodos de ensino de literatura que eram tradicionais e desinteressantes. Zilberman (1989) relata que Jauss denunciava a “fossilização da história da literatura” e linhas metodológicas divergentes que não levavam em consideração a história durante a análise do texto literário. É justamente nesse aspecto que a estética da recepção se faz presente, com a mediação do professor e a análise do contexto histórico em que obra e autor estão inseridos, o aluno conhecerá outras experiências e colocando-se no lugar de outras pessoas e assim estabelecer relação entre autor, obra e seu contexto social.

Jauss foi o principal representante da estética da recepção e com ele surgiram outras vertentes como aponta Zilberman (1989), quando diz que *Jauss* relaciona a literatura à história de vida do leitor; trata da recepção atual de um texto (aspecto sincrônico) e da sua recepção ao longo da história (aspecto diacrônico).

De acordo com Cosson (2014), nosso corpo é formado por outros corpos: o corpo físico, corpo linguagem, corpo sentimento e assim por diante. Mas o corpo linguagem é formado por palavras adquiridas pela convivência social e devemos exercitá-lo para que nosso mundo se amplie. Para exercitar o corpo linguagem, fazemos uso da escrita e através dela armazenamos nossos saberes, organizamos a sociedade e nos libertamos dos limites impostos. Essa libertação ocorre com a literatura e escrita de textos literários pois

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. (...) ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (...) podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2014, p. 17)

A consciência de que a literatura é humanizadora e liberta as pessoas das imposições estabelecidas pela sociedade capitalista, faz-nos acreditar ainda mais na responsabilidade da escola em valorizar e dar espaço para a literatura em seu currículo. Durante as aulas a leitura do texto literário ocorre de forma pouco eficaz, onde o foco está em leituras superficiais, nas fichas de leitura ou na elaboração de resumos e seminários. Cosson (2014) alerta que apenas com a simples leitura do texto literário, a escola está reforçando a negação ao processo de letramento literário. Ele aborda ainda que os livros não falam por si só, é preciso que haja a intervenção do professor, pois este cria condições e utiliza mecanismos de interpretação, ensinando o aluno a explorar o texto em diversos aspectos. Ler implica não apenas na troca de sentidos entre escritor e leitor, mas também com o meio social em que estão inseridos para que haja o compartilhamento de visões de mundo.

Quanto aos critérios de seleção dos textos, Cosson (2014) os divide em três e propõe a combinação entre eles para se promover o letramento literário: *as obras canônicas*, que fazem parte de nossa herança cultural e trazem ensinamentos; *os textos contemporâneos*, compostos de simples e são apresentados pelas editoras aos professores para “avaliação”, possuem linguagem simples e tratam de temas pertinentes ao horizonte de seus leitores; e por fim *pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros*, apoiada na quantidade de obras recomendadas e no trânsito intenso de textos diferenciados.

Para que possamos refletir sobre a leitura, devemos compreender o seu real significado. Assim, reforça Cosson (2014) quando baseia-se em Vilson J. Leffa, em *Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social* (1999). Em sua obra Leffa (1999) reúne as diferentes teorias sobre leitura em três grandes grupos. O *primeiro grupo* está centrado no texto, no qual a extração do sentido se dá através das palavras (superfície textual) e do significado extraído de seu conteúdo. O *segundo grupo* está centrado no leitor, que atribui sentido à obra lida, busca aquilo que lhe interessa e levanta hipóteses. Para o *terceiro grupo*, o leitor é tão importante quanto a obra, e a leitura é o resultado de uma interação, um diálogo entre o autor e o leitor, mediado pelo texto. O ato de ler a torna uma atividade social.

Para nortear o processo de letramento literário, Cosson (2014) apresenta as três etapas que devem ser vistas como um processo conjunto: a *antecipação*, definida pelos objetivos da leitura, o tipo de leitura e o que se espera dela; a *decifração*, referente à familiaridade e ao domínio das palavras; e a *interpretação*, composta pelo diálogo entre autor, leitor e comunidade, além das inferências e conhecimento de mundo necessários para a compreensão da obra.

Para a realização prática deste projeto será utilizada a Sequência Básica do Letramento, pautada em teorias sistematizadas por Cosson (2014), como forma de promover o letramento literário. Esta sequência é dividida em quatro partes:

- *Motivação* – tem o objetivo de preparar o aluno para a leitura do texto literário;
- *Introdução* – nessa etapa o professor apresentará o autor e a obra para os alunos e justificará a escolha da mesma;
- *Leitura* – Será o acompanhamento da leitura para auxiliar os alunos, e não policiá-los. Poderá ser feita nas sala de aula ou em casa – caso seja muito extensa.
- *Interpretação* – é o momento da construção de sentido do texto, envolvendo autor, leitor e comunidade.

Antes de iniciar a execução do projeto foi feita uma pesquisa do perfil do leitor para compreender até que ponto questões relacionadas à renda familiar, grau de instrução dos responsáveis, o contato com a leitura no ambiente familiar, tipo de leitura e atividades mais frequentes podem influenciar na aprendizagem do aluno e no hábito de leitura. A Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho tem como sistema de ensino o Ciclo Básico de Formação Humana, não havendo notas e sim relatórios individuais e nem a retenção de alunos ao final do ano letivo. Nessa proposta, o aprendizado ocorre de acordo com o tempo de cada um. No livro *Escola Ciclada de Mato Grosso – novos tempos e espaços para ensinar, aprender a sentir, ser e fazer*, diz que

A organização do processo educativo em Ciclos, através de seus princípios de democratização do espaço escolar, respeito aos ritmos de aprendizagem e promoção de um processo dinâmico e contínuo no ensinar e aprender, representa o atendimento a diferentes idades [...] A escola organizada em Ciclos de Formação possibilita espaço e tempo para se estabelecer o relacionamento interpessoal, realizar a observação

do ritmo característico de cada educando, o seu conhecimento prévio e o percurso de sua aprendizagem.

Interpretando erroneamente a proposta muitos discentes possuem uma ideia equivocada de que não havendo retenção, não há necessidade de estudar como se deveria e isto interfere no aprendizado. Assim como os alunos, os pais também não assumem uma postura responsável diante das atitudes dos estudantes. Como não há reprovação devido ao sistema de ensino ser o Ciclo de Formação Humana, muitas famílias já não se preocupam em participar da vida escolar de seus filhos, não comparecem em reuniões e assembleias e não olham os cadernos para acompanhar desenvolvimento do aluno. Em casos extremos de indisciplina e descomprometimento com as atividades escolares, os responsáveis são convocados pela equipe gestora, mas muitos não aparecem para conversar, alegando falta de tempo. A preocupação das famílias com a vida escolar de seus filhos já não acontece como antes e deixam a responsabilidade da “educação” apenas para a escola. Percebe-se que quando os familiares frequentam a escola e a participam da vida dos filhos, há uma mudança significativa tanto na disciplina quanto no aprendizado deles. Família e escola precisam caminhar juntas para que a criança se desenvolva em todos os aspectos. Cento e oito alunos participaram desta pesquisa, na qual obteve-se os seguintes resultados:

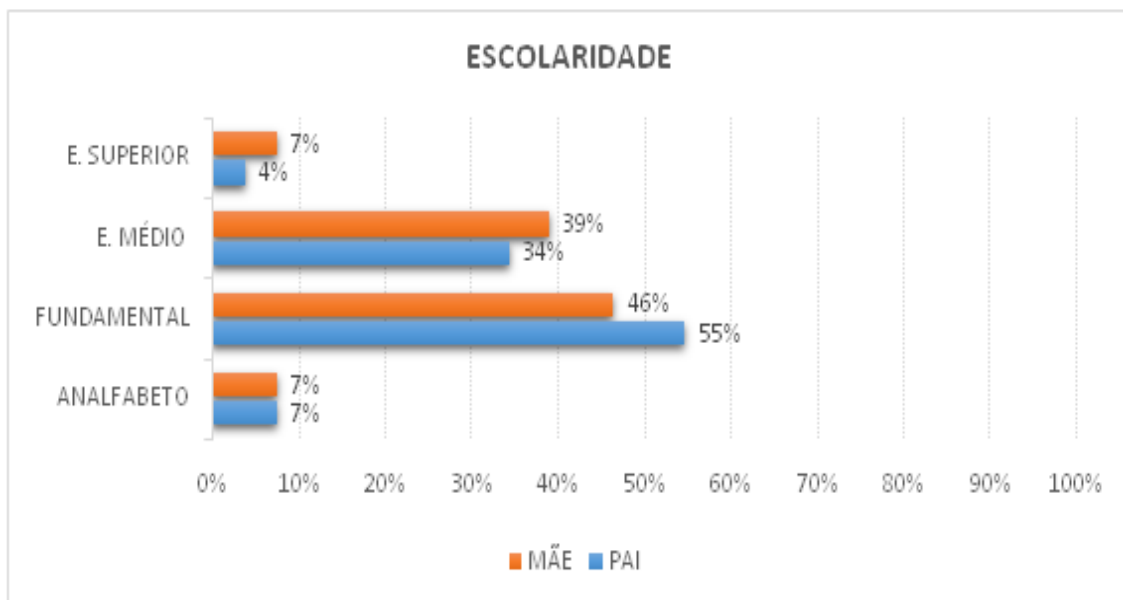


Figura 1– Escolaridade

O gráfico aponta que a maioria dos pais possui ensino fundamental (ressaltando que a porcentagem apresentada engloba ensino fundamental

completo e incompleto); o índice de analfabetismo entre os responsáveis é baixo, assim como os que possuem curso superior. Percebe-se que grande parte dos pais possui ensino fundamental, mesmo que incompleto. Isso mostra que comparando com um histórico de escolaridade conhecido há anos, hoje as pessoas estão em busca de melhores condições de vida através dos estudos.

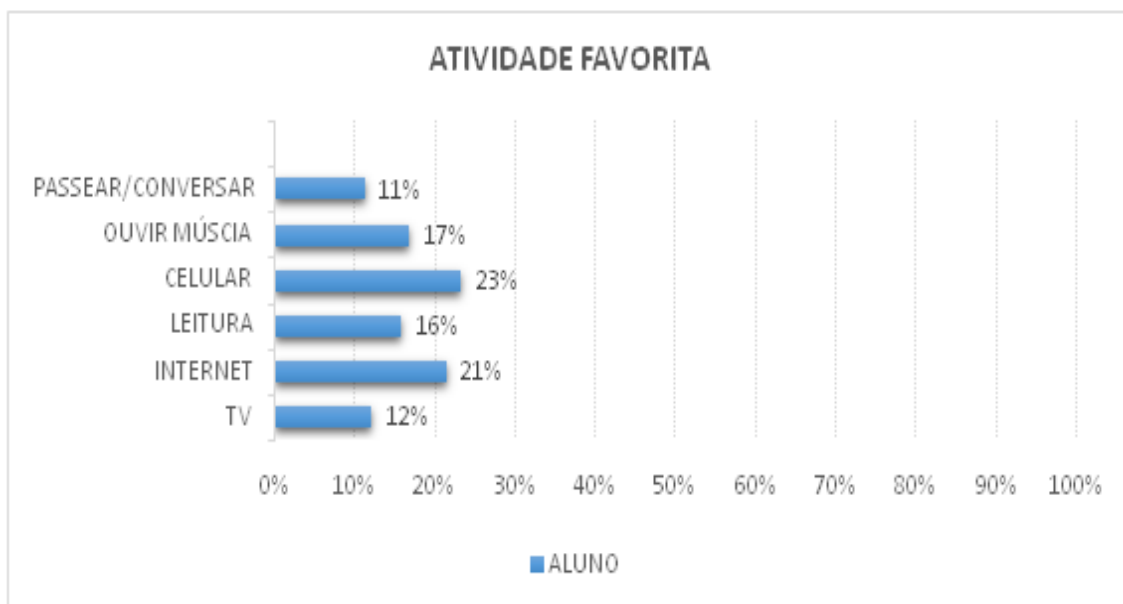


Figura 2 - Atividade Favorita

Quanto às atividades favoritas dos alunos, percebemos que a utilização dos aparelhos celulares está liderando; navegar na internet está em segundo lugar com uma diferença mínima, deixando claro o quanto as tecnologias estão presentes no cotidiano dos adolescentes, justificando assim, uma pedagogia voltada aos multiletramentos. O mundo digital está tomando espaço entre as pessoas, sobretudo entre os jovens que ainda não perceberam a importância da leitura e da escrita para essa prática social tão comum.

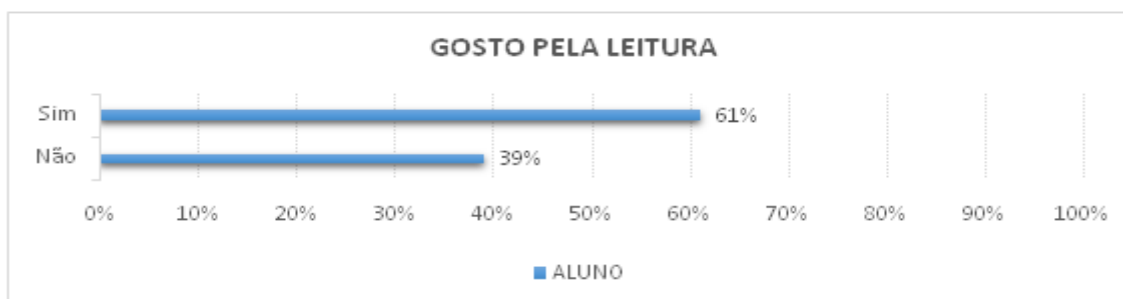


Figura 3 - Gosto pela leitura

Desenvolver o gosto pela leitura em nossos alunos parece ser um trabalho difícil. Observamos que mais da metade dos alunos responderam que gostam de ler. Porém o gosto literário não está em consonância com as obras solicitadas pela escola, pois os livros em séries são os mais cotados.

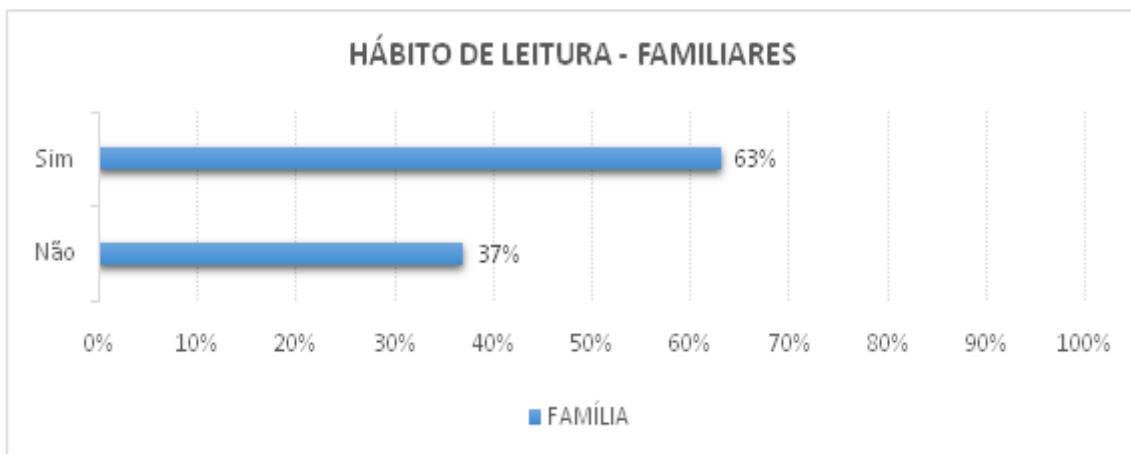


Figura 4 - Hábito de Leitura - Familiares

Os adultos são exemplos de leitores para suas crianças, e isso se confirma com os resultados que indicam a prática de leitura dos familiares. Adultos que não leem não podem exigir que seus filhos tornem-se leitores. Esse é um reflexo que temos em sala de aula, alunos leitores com familiares que de alguma forma leem também. Ao seu contrário, alunos que não gostam de ler porque na maioria das vezes seus familiares não incentivam ou não demonstram interesse pelos livros.

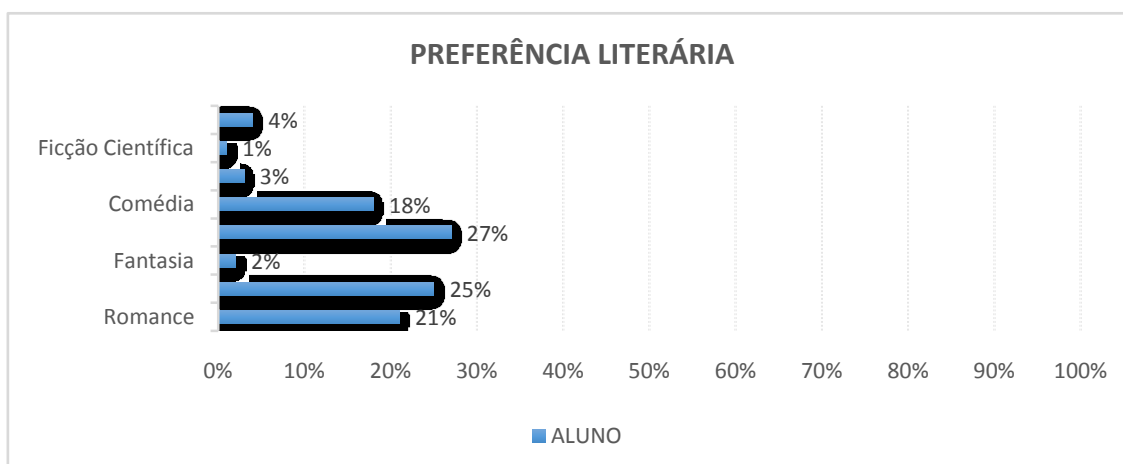


Figura 5 - Preferência Literária

Quanto às preferências literárias, as histórias de terror lideraram as pesquisas, seguidas de aventura, romance e comédia respectivamente, o que é justificado pela faixa etária dos alunos por serem atraídos pelos mistérios de filmes e séries com histórias de zumbis, vampiros e demais seres sobrenaturais.

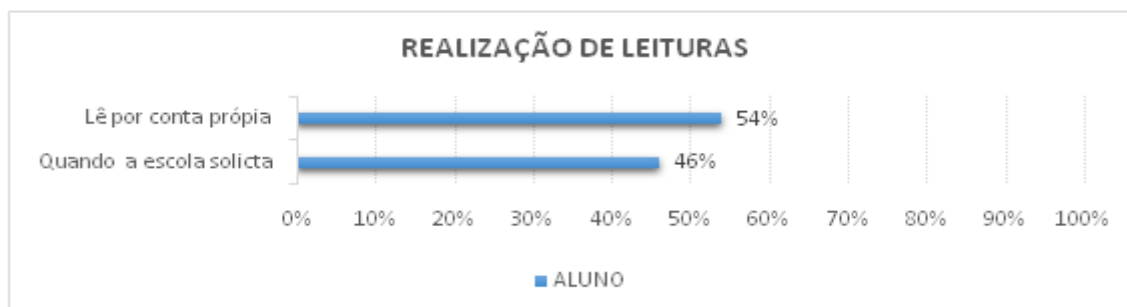


Figura 6 - Realização de Leituras

De acordo com o gráfico, percebemos que um pouco mais da metade dos alunos que participaram da pesquisa fazem leituras por conta própria. Porém, 46% dos participantes entram em contato com obras literárias apenas quando é solicitado pela escola, dado esse que confirma a falta das práticas de leitura entre os jovens hoje. A leitura literária não está sendo realizada por prazer, mas por obrigação.

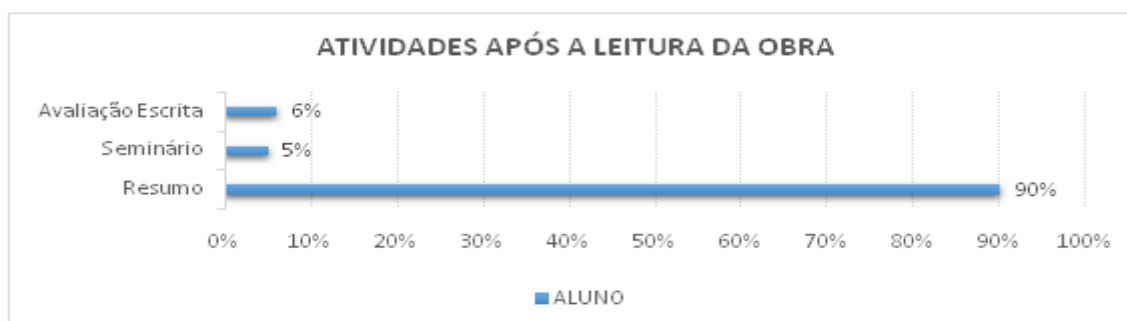


Figura 7 - Atividade após a leitura da obra

De acordo com os resultados, a maioria dos alunos respondeu que após as leituras, os professores pedem para que façam resumos dos livros. Seminários e avaliações escritas quase não são solicitados. Quando iniciam a leitura de uma obra, já questionam se farão um resumo, ou quantas linhas deve ter o tal resumo. Enfim, não há motivação para ler se o aluno sempre realiza a mesma atividade. Se a leitura já é uma prática trocada por celulares e internet como constatamos nessa pesquisa, quando realizada mediante cobrança de meros resumos torna-se um sacrifício para adolescentes e crianças.

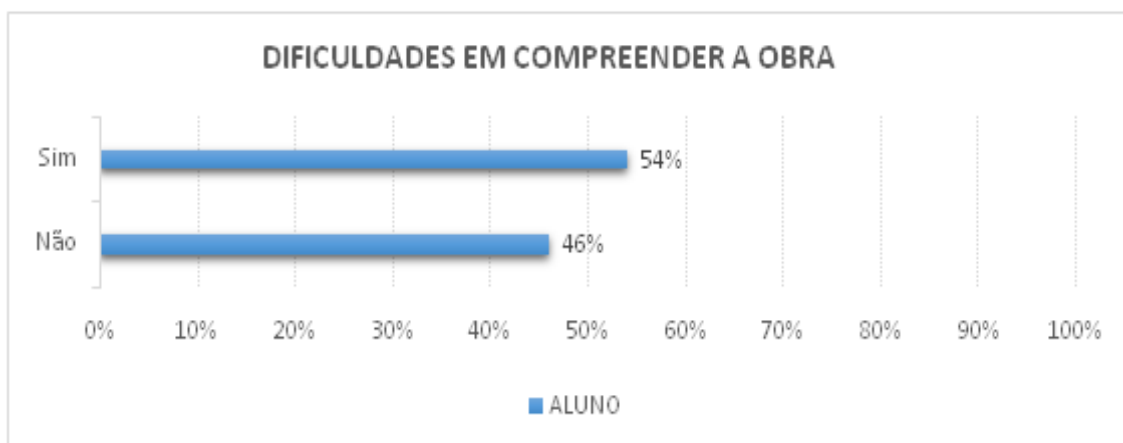


Figura 8 - Dificuldades em compreender a obra

Foi alarmante perceber que uma grande quantidade de alunos de terceiras, fases ainda sentem dificuldade em compreender uma obra. A falta de estímulo acontece logo nas primeiras páginas quando o jovem inicia a leitura e não consegue entender o que leu. Logo iniciam os comentários de que ler é chato, que o livro não é interessante e que não gosta de ler.

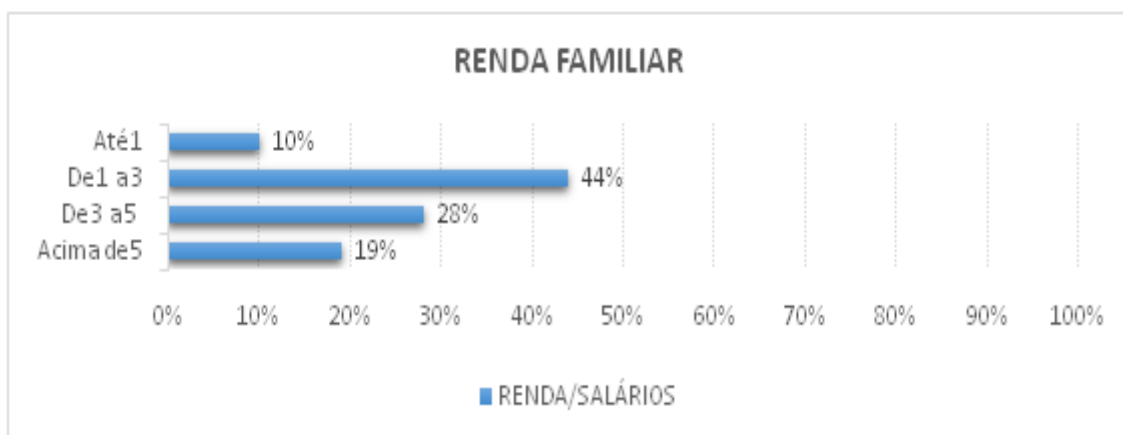


Figura 9 - Renda familiar

Os dados apontados no gráfico em relação à renda familiar indicam que 44% dos participantes afirmaram possuir renda familiar entre um a três salários mínimos. Para famílias que possuem uma renda familiar pequena, é realmente difícil investir em livros de literatura, pois são obras caras e não são prioridades nos lares.

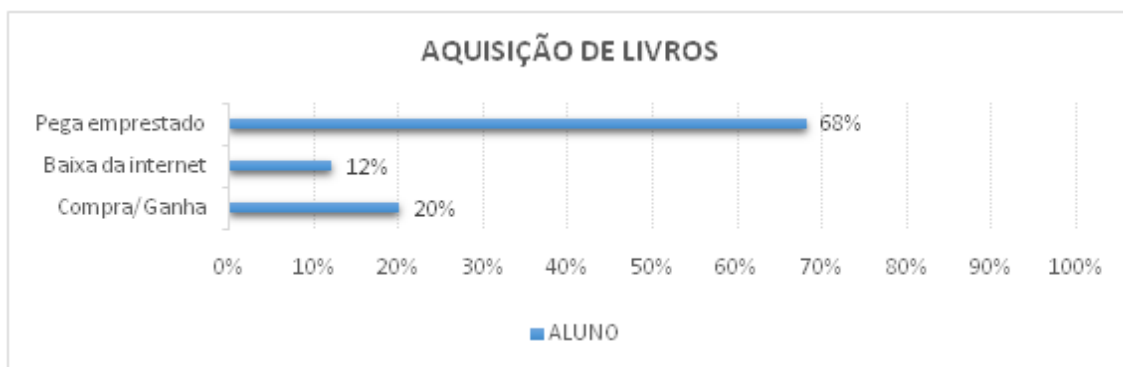


Figura 10 - Aquisição De Livros

Após analisarmos o gráfico anterior, percebemos o quanto a escola desempenha papel importante na formação de leitores. Com rendas familiares baixas e escolaridade baixa, percebemos que grande parte dos alunos mantém contato com obras literárias somente através das bibliotecas escolares ou emprestando de outras pessoas. Percebe-se aqui a necessidade de bibliotecas com acervo amplo e variado, com obras ricas que proporcionem o letramento literário aos alunos. O contato com livros digitais ainda é pequeno, mas aos poucos está tomando seu espaço entre as opções de leituras, justamente por terem um valor mais acessível e pela disponibilidade para download gratuito em muitos sites. Mas é preciso levar essa informação ao conhecimento dos estudantes. É muito significativo levá-los ao laboratório de informática e apresentar bons sites e boas obras disponíveis para download.

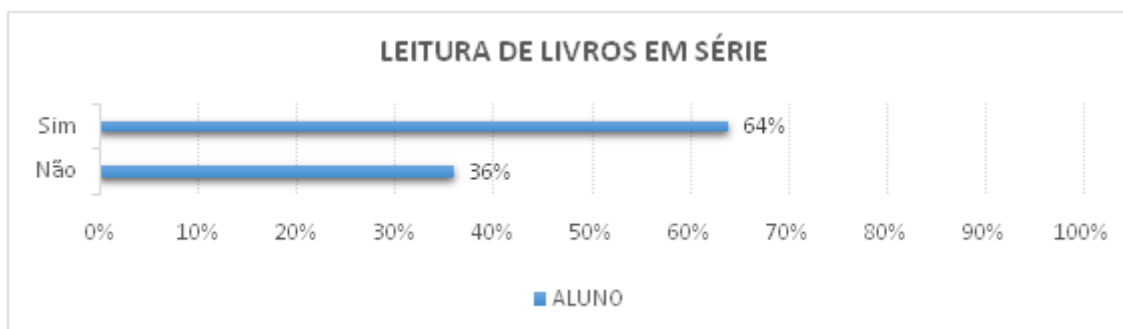


Figura 11 - Leitura de livros em série

A leitura de livros em série que se transformou em modismo não apenas entre os jovens, mas também entre os adultos. São leituras sequenciais, que ao final do primeiro livro já deixam um prévio do próximo exemplar. Estes livros estão ocupando significativo espaço nas editoras e nas prateleiras das livrarias. Um comércio realmente lucrativo, aspecto que nos remete às ideias de Abreu (2006, p. 82) quando afirma que a literatura de massa traz uma combinação de lugares,

peças e fatos comuns sem nenhuma dificuldade ou possibilidades de questionamentos, por isso não estimula a reflexão dos leitores. A justificativa dos alunos pela preferência dos livros em série é que são divertidos e no final ficam curiosos para fazer a leitura do próximo livro. Já os alunos que não apreciam esse tipo de literatura alegaram que essas leituras são “chatas” porque são sempre iguais e previsíveis, como diz Abreu (2006, p.82), “não forçam a reflexão da realidade”.

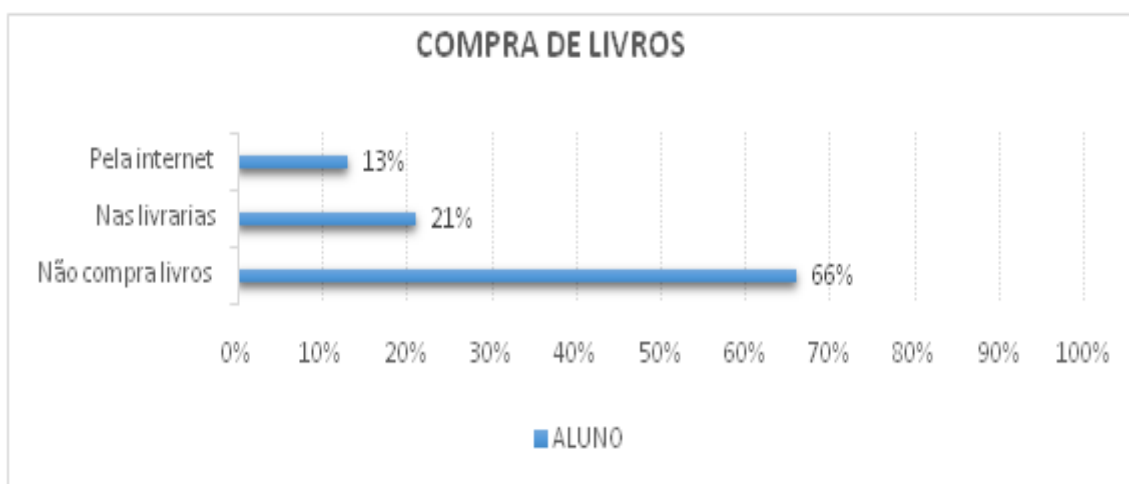


Figura 12 - Compra de livros

A compra de livros foi outro aspecto abordado na pesquisa, onde percebemos que 66% dos participantes não compram livros, o que se confirma na análise do gráfico relacionado à aquisição de livros. Poucos alunos compram livros pela internet, ou por falta de conhecimento de como proceder, ou por medo de comprar e não receber o seu produto. Mais uma vez é importante orientá-los quanto a essas questões, mostrando sites de livrarias virtuais e como efetuar suas compras. As livrarias ainda é a opção de 21% dos participantes, pelo fato de ter o produto à mão e “não correr riscos” com compras virtuais.

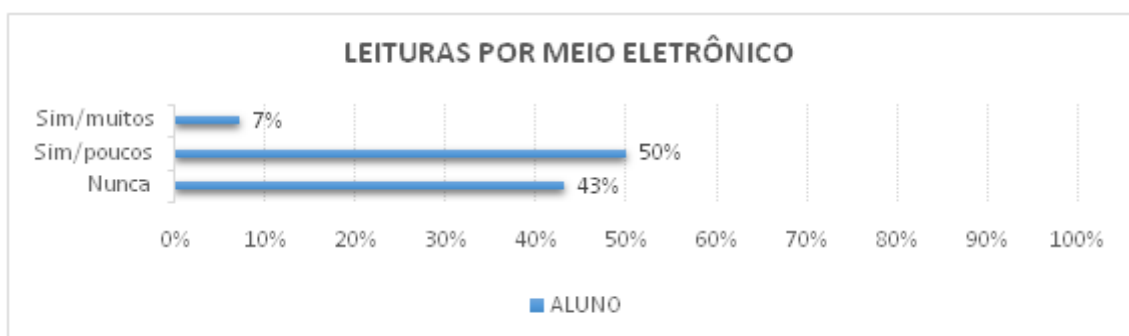


Figura 13 - Leituras por meio eletrônico

Assim como a compra de livros através da internet ainda não é uma prática comum entre os participantes da pesquisa, a leitura por meio eletrônico também não é diferente. Poucos alunos fazem suas leituras utilizando celulares, tablets ou computadores. Metade dos participantes já realizaram leituras através de E-books algumas vezes, e 43% deles nunca tiveram contato com leituras virtuais. Com todos esses dados, além de percebermos o quanto é importante a escola dar à literatura um lugar importante, reforça ainda que os multiletramentos é realmente uma ferramenta de ensino e aprendizagem indispensável para o ensino de literatura, pois proporciona aos estudantes uma forma diferente de leitura e que para muitos pode ser um estímulo ao mundo literário.

Além das questões representadas pelos gráficos, mais três perguntas dissertativas foram adicionadas ao questionário, possibilitando uma melhor compreensão da perspectiva dos alunos em relação à leitura e qual a sua importância para o crescimento pessoal e profissional. Após lidas e analisadas cada resposta, obteve-se os seguintes resultados:

<p>1. Para que as leituras na escola sejam mais atrativas e interessantes, o que você sugere?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Mais livros no acervo da biblioteca; - Leitura livre; - Leitura ao ar livre ou em outros ambientes da escola; - Apresentação teatral de trechos da obra; - Livros que despertem o interesse dos alunos; - Leitura para todos na escola e no mesmo horário; - Professores de outras disciplinas poderiam indicar leituras; - Leituras online; - Leituras de clássicos, como por exemplo, Romeu e Julieta; - Leitura coletiva (em voz alta) - Realizar debates após as leituras.
<p>2. Você acha importante estudar para obter crescimento financeiro, social e intelectual? Por quê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar o conhecimento; - Ter um bom emprego; - Escrever bem; - Fazer a diferença; - Comunicar-se melhor; - Ter novas experiências; - Trabalhar no que realmente gosta; - Abrir as portas para boas oportunidades; - Bom desempenho profissional; - Tornar-se uma pessoa melhor; - Dar um futuro melhor para a família.
<p>3. Você concorda que a leitura ajuda as pessoas a compreenderem melhor o mundo? Justifique.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ajuda no bom desempenho da oralidade e da escrita; - ajuda a interpretar e compreender melhor as coisas; - Torna as pessoas mais cultas; - Ajuda a compreender melhor o mundo e as pessoas; - Ajuda a soltar a imaginação; - Faz com que a gente conheça a vida de outras pessoas (viver outras experiências); - Mostra-nos a verdade; - Ajuda a ter um diálogo mais rico; - Faz com que conheçamos outros lugares através dos livros; - Faz com que as pessoas mudem a forma de pensar;

Para a maioria dos alunos participantes, a leitura e os estudos são importantes para o crescimento profissional, social e intelectual, afirmações estas que opõe-se aos resultados apresentados. Se para os discentes ler é uma forma de ampliar conhecimentos, por que não há tanto interesse pelas práticas de leitura? Percebe-se através da pesquisa que esta prática no ambiente familiar, a renda e as atividades que envolvem os novos aparatos tecnológicos influenciam na formação de alunos leitores, tornando a escola a responsável por ministrar aulas de literatura de forma mais atraente e proporcionar o contato do aluno com obras literárias de qualidade.

1.4 AS LITERATURAS AFRICANAS NO COTIDIANO ESCOLAR

A implantação da Lei 10.639/03 inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira" e modifica o Art. 26 LDB/96. Essa obrigatoriedade abre as portas para que a história e cultura africana e afro-brasileira sejam levadas ao conhecimento dos alunos. Conforme Amâncio et al (2008), a forma como se apresentava o art. 26 da LDB fortalecia uma prática pedagógica pautada apenas em um olhar exótico do indígena e do africano, reduzindo-a simplesmente em atividades envolvendo danças, artesanatos e comidas típicas, e quanto a historicidade, apenas prevalecia o "legado português e os grandes feitos dos heróis lusitanos".

Além disso, tal alteração na lei não teria sido necessária caso a maioria da população negra brasileira não apresentasse, em índices acentuados, baixa autoestima, as piores condições de moradia, saúde, trabalho e educação, ou tampouco estivesse sujeita a piadas e deboches que, em geral, a desqualificam de sua condição humana (...). (AMÂNCIO et al, 2008, p. 35).

Amâncio et al (2008), também nos leva a refletir sobre a importância dos estudos da História da África e suas culturas para que educandos e educadores conheçam as diferentes manifestações do modo como o povo africano vê o mundo, suas práticas no plano da oralidade e sua literatura. Desta forma, a valorização da cultura destes povos além de ampliar o conhecimento dos alunos, poderá refletir numa diminuição significativa do racismo.

Mesmo com a obrigatoriedade da legislação, ainda há grande resistência nas redes de ensino em incluir os estudos da História e Cultura Africana e Afro-

Brasileira no currículo escolar. Nilma Lino Gomes (2010) aponta que muitos cursos de formação de professores em nível superior não possuem conhecimento suficiente sobre a temática racial, e preferem não inserir essa temática nos currículos em cursos de Pedagogia e Licenciatura. A implementação da Lei está contribuindo para que a questão racial seja assumida tanto no aspecto pedagógico quanto político. Mas se os próprios cursos de formação de professores ainda sentem dificuldades em cumprir plenamente a lei, os professores convivem com a dúvida, a angústia e a falta de conhecimento sobre o assunto, permanecendo apenas no trabalho superficial do exótico principalmente na semana de comemoração da Consciência Negra. É um trabalho a ser desenvolvido durante todo o ano letivo, não apenas nas disciplinas de História e Literatura, mas de forma interdisciplinar. São aspectos diversos que podem ser trabalhados em todas as disciplinas, desde que haja um planejamento prévio e organização tanto da equipe docente quanto de gestores.

Moçambique é um dos cinco países da África que fala o Português, e até hoje sofre com a segregação e miséria mas que em contrapartida, possui uma literatura riquíssima. Para Iris Maria da Costa Amâncio et al (2008) suas vozes literárias ecoam a “denúncia da opressão e da crueldade racistas inerentes ao sistema português”. A autora também chama a atenção para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e seu rico universo linguístico e *cânones literários*, deixando claro que “africano também escreve e tem produção intelectual”.

Não é muito comum encontrarmos livros de literaturas africanas no acervo das bibliotecas escolares. Como se sabe, a aquisição dessas literaturas geralmente é cara e o mercado editorial brasileiro pouco investe em leituras estrangeiras de países africanos, principalmente “produzidos por mãos de pretos” como cita Amâncio (2014, p. 83). Fica então a crítica para o racismo (ou preconceito) arraigado em nosso país. A Lei abre um importante espaço para que o professor trabalhe com a história e a cultura africana valorizando-as por sua riqueza e diversidade.

Amâncio (2014, p. 44) destaca que um dos caminhos para a efetivação da lei é trazer para o cotidiano escolar a leitura de textos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Ela é um importante instrumento pedagógico para que o

aluno perceba a riqueza existente nessas obras, e principalmente desfaça estereótipo de que africanos não produzem registros escritos, ou que ainda são intelectualmente preparados para o universo literário. As obras de autores como Mia Couto, Ondjak, José Craveirinha, Luandino Vieira entre outros colocam a literatura africana de língua portuguesa em par de igualdade às literaturas produzidas no Brasil e em Portugal.

Um fator relevante é que os livros de literaturas africanas ainda não conquistaram um significativo espaço no mercado brasileiro principalmente nas estantes das bibliotecas escolares porque em sua maioria, as obras não são publicadas no Brasil. Por isto os preços ainda são altos para os bolsos brasileiros, pois percebe-se que

(...) embora fiquem constatadas a riqueza e a importância da leitura de tais textos, emerge uma questão de ordem prática: como processar essa viagem, se o acesso ao livro africano continua raro, caro e o grande mercado editorial brasileiro não investe significativamente no potencial dessas literaturas estrangeiras provenientes dos países africanos de Língua Portuguesa, principalmente quando produzida por mãos de pretos? (AMÂNCIO, 2014,p. 83)

Tendo em vista os argumentos expostos anteriormente, percebemos que a aceitabilidade das literaturas africanas no Brasil está crescendo e aos poucos tomando seu espaço nas escolas, graças à implantação da Lei. Os países africanos que falam o português, assim como o Brasil, são ex-colônias de Portugal e partilhamos de história de dominação e submissão parecidas, porém para eles o período colonial se estendeu até o ano de 1975 trazendo consequências da colonização, que para eles foram mais sofridas.

Para Amâncio (2014, p. 44), o trabalho com as literaturas africanas de língua portuguesa contribuirá para que a ideologia de um negro incapaz intelectualmente, abra espaço para o estudo da história dos negros africanos, dos negros afro-brasileiros e daqueles que foram escravizados, fazendo com que a nova Lei proporcione o resgate da autoestima e da identidade negra em nosso país.

1.5 LEI 10.639/03: MUDANÇAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

A Lei 10.639/03 que foi sancionada em 2003, fez alterações na LDB 9394/96, e tornou obrigatória a inclusão da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo das redes de ensino. Assim consta no Art. 26 da LDB/96:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

A forma como o art. 26 foi escrito, para Amâncio et al (2014, p. 33), trata-se apenas de uma complementação conteudista, e da forma como se apresentava antes da implantação da nova lei que o altera, apenas contribuía para uma visão exótica tanto do indígena quanto do africano, ressaltando apenas as questões culturais como dança, vestimenta e culinária, deixando de lado o mais importante que é a reflexão histórica de um povo. A Lei altera o art. 26 seguinte forma:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Com a mudança, espera-se que as escolas passem a tratar a história africana e afro-brasileira cientificamente, assim como destaca Amâncio (2014, p. 35), quando afirma também que com essa nova abordagem histórica será possível a igualdade de direitos, liberdade e interação de saberes e o respeito às diferenças. Quando deixamos de trabalhar com nossos alunos questões relacionadas à origem do povo brasileiro, que é também africana, estaremos contribuindo para uma prática pedagógica discriminatória e excludente, tendo em vista a história de escravidão e racismo de uma nação onde mais da metade é de origem negra. (AMÂNCIO, 2014, p. 35).

Para Gomes (2010, p. 114), a incorporação de uma pedagogia multirracial está avançando através de estratégias de intervenção para desconstruir o imaginário racista, porém, de forma lenta. Para isso, faz-se necessário o seguinte:

(...) avançar mais na criação de normas compulsórias sobre a eliminação de todo o preconceito racial no material escolar e nas condutas dos alunos e profissionais das escolas. Desenvolver políticas mais coerentes de produção de novos materiais. Incorporar representantes do movimento negro, pesquisadores, intelectuais e educadores na formulação dessas políticas. Políticas mais focadas de formação inicial de professores e administradores para o trato da diversidade e da pedagogia multirracial. Obrigar os centros de formação a incorporar nos currículos de pedagogia e licenciatura o conhecimento de nossa realidade multirracial. (GOMES, 2010, p. 114)

Graças à mudança na lei, a obrigatoriedade agora é realidade, mas para ser cumprida deve ser compreendida, pois ainda há falta de preparação dos profissionais, com práticas pedagógicas estereotipadas que evidenciam o olhar exótico e não científico. Além de preparar os professores para a incorporação da pedagogia multirracial, Gomes (2010, p. 104) mostra a necessidade de um compromisso social e pedagógico da escola para combater o racismo e a discriminação. Para a autora, escolas e educadores brasileiros ainda vivem uma situação de insegurança e desconhecimento sobre como trabalhar a diversidade étnico-racial com seus alunos.

2. A SEQUÊNCIA BÁSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA – MOTIVAÇÃO

A motivação é a primeira etapa da Sequência Básica e parece-nos que é a mais importante por despertar nos alunos o interesse pelas atividades a serem desenvolvidas pelo professor. Cosson (2014, p. 54) ressalta que é preciso preparar o aluno para a leitura da obra. O elemento utilizado para despertar o interesse do educando será o tema do texto a ser trabalhado, ou seja, o professor deve estabelecer um laço estreito entre os elementos da motivação com o texto principal. A motivação pode envolver atividades de leitura, escrita ou oralidade, e até mesmo as três modalidades ao mesmo tempo. Porém, Cosson (2014, p. 57) alerta para que as atividades integradas não façam da motivação um momento muito extenso, pois ao se prolongar acabará perdendo o foco que é motivar o aluno para a leitura literária.

Alguns exemplos de motivação são trazidos por Cosson (2014, p. 56) para ilustrar e auxiliar os professores no trabalho com a Sequência Básica do Letramento. Um dos trabalhos apresentados foi uma atividade de motivação chamada “*Contos de Fadas hoje*” para trabalhar o conto “Fita verde no cabelo” do autor Guimarães Rosa (1981). Os alunos lembraram alguns contos de fadas, que foram listados no quadro e relatados por eles. Em seguida os alunos dividiram-se em grupos, nos quais receberam dois papéis enrolados que continhas nomes de objetos da era moderna, para que recontassem a história inserindo esses objetos no enredo. Outra motivação muito interessante citada por Cosson (2014, p. 57) foi realizada para a leitura do conto de Domingo Pellegrini (*Tempo de menino, 1991*) “*O herói*”, que fala do sofrimento de um menino pela morte de seu cachorro, tendo que aprender a lidar com as dores e perdas ao longo da vida. Para iniciar a motivação, o professor conversou com os alunos sobre o mundo adulto e infantil e suas diferenças; fizeram uma lista desses comportamentos e definições e compartilharam na sala de aula. Em seguida, produziram um pequeno texto sobre o que acham necessário para que uma pessoa possa “amadurecer”. O professor utilizou esse texto para introduzir a etapa da Interpretação. São exemplos simples que tornam a aula diferente e motivam os alunos a lerem o texto literário, estabelecendo ligação com a obra.

Utilizando a Sequência Básica do Letramento, pautada no conceitos de Cosson (2014) para promover o letramento literário, a proposta de atividade motivadora deste trabalho, consistiu em apresentar para os alunos o vídeo sobre desigualdade social, com a música “Até quando” de Gabriel Pensador, juntamente com a letra. O primeiro módulo teve como objetivos a abordagem de questões relacionadas à desigualdade social; a reflexão sobre os fatores que desencadeiam essa desigualdade e como contribuir para que haja mudanças na sociedade; relacionar a letra da música com as imagens e a situação política e social na qual estamos inseridos. Tais aspectos favoreceram a compreensão do conto principal “O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial” (Mia Couto, 2014).

Após a visualização do vídeo, os alunos expressaram oralmente suas impressões, perceberam a relação existente entre a mensagem do vídeo e da música com os fatos sociais e políticos tanto do Brasil quanto de países africanos. Este momento de socialização das impressões sobre o tema foi realizado de acordo com o conhecimento prévio do aluno e de suas experiências.

Até Quando? Gabriel O Pensador

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!
Até quando você vai ficar usando rédea?
Rindo da própria tragédia
Até quando você vai ficar usando rédea?
Pobre, rico ou classe média
Até quando você vai levar cascudo mudo?
Muda, muda essa postura
Até quando você vai ficando mudo?
Muda que o medo é um modo de fazer censura
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ser saco de pancada?
Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
O seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante
Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante
Você se faz de surdo, não vê que é absurdo
Você que é inocente foi preso em flagrante!
É tudo flagrante! É tudo flagrante!
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ser saco de pancada?
A polícia
Matou o estudante
Falou que era bandido
Chamou de traficante!
A justiça
Prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado
E absolveu os PMs de Vigário!
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ser saco de pancada?
A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que é pra você não ver que o programado é você!
Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá
Consgo um emprego, começa o emprego, me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego, mas onde que eu chego se eu fico no mesmo lugar?
Brinquedo que o filho me pede, não tenho dinheiro pra dar!
Escola! Esmola!
Favela, cadeia!
Sem terra, enterra!
Sem renda, se renda! Não! Não!
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
Até quando vai ser saco de pancada?
Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
E quando a gente manda ninguém manda na gente!
Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura
Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro!
Até quando você vai ficar levando porrada
Até quando vai ficar sem fazer nada
Até quando você vai ficar de saco de pancada?
Até quando você vai levando



Figura 14 - Vídeo da Música “Até Quando” – Gabriel o Pensador.
(Fonte:<http://www.youtube.com/watch?v=b7W7T14j55Y>).



Figura 15 - Vídeo da Música “Até Quando” – Gabriel o Pensador.
(Fonte:<http://www.youtube.com/watch?v=b7W7T14j55Y>).

Santos et al (2013) afirma que quando acionamos nossos conhecimentos prévios, ocorre a construção de sentidos do texto, e acionamos esses conhecimentos quando precisamos dele diante de uma situação interacional. De acordo com Cosson (2014, p.54), a motivação é um passo importante da sequência básica do letramento literário, pois prepara o aluno para entrar no texto e estabelece laços estreitos entre ambos. Afirma ainda que “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”.

O primeiro módulo do projeto teve início na segunda semana do ano letivo de 2015, com a apresentação do trabalho a ser desenvolvido. A princípio o projeto contemplaria apenas uma turma, mas os outros alunos demonstraram interesse pela proposta, ao saberem que atividades diferenciadas à rotina da escola seriam trabalhadas. Houve uma participação significativa dos alunos de 3ª fase do 3º ciclo matutino, o que tornou o trabalho com a música muito produtivo e despertou o interesse dos discentes pelo tema, pois de uma maneira diferente e com um ritmo agradável, eles participaram das discussões e expuseram suas impressões acerca do tema.

As discussões sobre o tema abordado foram intensas, mas percebeu-se que muitos alunos não dominavam assuntos referentes à política, não possuem o hábito de assistir noticiários ou ler revistas e jornais, além da falta de diálogo em casa. Durante a visualização do vídeo, os alunos fizeram a comparação dos elementos da música, das imagens e da realidade que vivenciamos.

2.1. MOMENTO DE SOCIALIZAÇÃO DAS IDEIAS

Partindo das discussões realizadas no módulo anterior, o objetivo do segundo módulo foi expor através da escrita, as opiniões e experiências dos alunos sobre o tema “desigualdade social” de maneira crítica e reflexiva. Alguns questionamentos foram feitos para que os alunos, partindo de seu conhecimento de mundo e do tema abordado na música, refletissem sobre nossa realidade social e como agir, mudar a postura e participar ativamente da construção de um futuro melhor. A atividade oral teve como ponto de partida as seguintes questões:

- 1) Qual a principal questão abordada na música?
- 2) O autor fala sobre a forma passiva com que a população brasileira encara os problemas sociais e políticos. Você concorda com isso? Quais atitudes podem ser tomadas para que haja mudanças significativas?
- 3) Pelo que vivenciamos e observamos nos noticiários diariamente, quais os fatores que motivam a desigualdade social e o preconceito no Brasil?
- 4) Quais atitudes poderiam ser tomadas pelos cidadãos brasileiros para mudar a situação caótica em que a maioria da população vive?
- 5) Na música fala sobre a “mudança de postura”. Em seu ponto de vista, o que é mudar de postura e como isso pode acontecer para melhorar a vida das pessoas?
- 6) Fatos como por exemplo, “a chacina de Vigário” são citadas na música. Faça uma pesquisa sobre o assunto e compartilhe com seus colegas na próxima aula.

Durante a socialização das questões, a número 6 foi a que mais impressionou os alunos pelo fato de lembrar a barbárie cometida na favela de Vigário Geral no Rio de Janeiro. Os alunos dividiram-se em grupos e pesquisaram sobre esse fato ocorrido na década de 90, compartilharam com a turma e levantaram questões como: o abuso de poder, o poder do tráfico nas favelas, a ideia equivocada de que nas favelas moram apenas bandidos, a impunidade, o racismo e o preconceito que estão arraigados na sociedade brasileira. Com o trabalho de pesquisa e as discussões sobre o caso em Vigário Geral, constatou-se a participação de alguns alunos que, durante o cotidiano escolar, não costumavam participar de nenhuma atividade. Os que não participaram ativamente, prestaram muita atenção e demonstraram interesse pelo assunto discutido, o que é mais um ponto positivo no trabalho desenvolvido.

Este segundo módulo foi importante para que houvesse a articulação de informações e de conhecimentos prévios, o que possibilitou aos alunos desenvolverem um olhar crítico sobre a desigualdade social e racial presentes em nosso país. Através do slide “Paisagens Urbanas” os alunos visualizaram

diversas comunidades pobres e favelas existentes em vários estados do Brasil, não apenas no rio de Janeiro e São Paulo. Alguns bairros carentes da capital Cuiabá também foram mostrados, levando-os à reflexão sobre as causas de tanta miséria e violência presentes nessas regiões. O contraste entre um Estado rico e grande produtor de soja como é Mato Grosso e crescente desigualdade de renda também foram discutidos. Durante todo o processo percebeu-se o envolvimento da maioria dos alunos e o interesse nas discussões, inclusive relato de alguns alunos sobre a pobreza e miséria vivenciadas em alguns dos bairros pobres de Cuiabá e região. Tudo que era discutido e levantado pelos alunos era registrado no quadro, e no final da aula montaram um organograma com as principais questões que levam o Brasil à desigualdade de renda.



Figura 16- Favela "Estrutural" em Brasília - DF. (Fonte: <http://geografiapaisagemurbana.blogspot.com.br/p/paisagem-urbana-das-periferias.html>).



Figura 17 - Favela "Brasília Teimosa" em Recife - PE.
(Fonte:<http://geografiapaisagemurbana.blogspot.com.br/p/paisagem-urbana-das-periferias.html>).

Após a visualização das imagens e com as informações de que favelas e bairros carentes não são apenas realidade de grandes capitais, os alunos assistiram ao documentário "Moçambique: uma cultura rica e uma história de vida sofrida", disponível em http://www.youtube.com/watch?v=c3S_lzeRmWI, visitado em 02/07/2014. Alguns alunos ficaram surpresos, pois não sabiam que na África há países que falam o português. Ficaram impressionados com a miséria e com o sofrimento dos moçambicanos, sobretudo no período da guerra civil. Informações sobre a África do Sul também foram passadas, levando ao conhecimento dos alunos o que move a pobreza e a miséria em alguns países do continente africano. Conheceram um pouco sobre a situação política e social de Moçambique, percebendo os pontos em comum com o Brasil, tais como colonização, carência na saúde, educação, dentre outros, e lembrando que apesar de tudo, ainda estamos passos à frente em vários aspectos. Informações como índice de analfabetismo, pessoas com HIV, falta de acesso às universidades e desemprego deixaram os alunos impressionados. A exploração do trabalho também foi um assunto bastante debatido, pois aqui no Brasil temos leis que amparam as crianças para que vivam a sua infância e tenha um crescimento saudável e seu bem estar garantidos e com isto o trabalho infantil está sendo reduzido. Em Moçambique muitas crianças trabalham em atividades pesadas, perdendo sua infância e a

saúde. A grande taxa de mortalidade infantil em Moçambique também chamou a atenção, sensibilizando e emocionando alguns alunos.

O próximo passo foram os registros escritos realizados em seus cadernos sobre o que acharam interessante, tanto no slide quanto no documentário, e em seguida fizeram um círculo para discutir o que cada um anotou sobre o tema e suas opiniões. Foi muito produtivo, principalmente porque alunos que geralmente não costumam participar das aulas, estavam expondo suas ideias para os colegas.



Figura 18 - Documentário “Moçambique: uma cultura rica e uma história de vida sofrida” – Economia e moeda corrente em Moçambique. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=c3S_IzeRmWI)



Figura 19 - Documentário “Moçambique: uma cultura rica e uma história de vida sofrida” – As ruas da capital Maputo. (Fonte: http://www.youtube.com/watch?v=c3S_IzeRmWI)

2.2 PRODUÇÕES INICIAIS

Após finalizarem as discussões sobre as questões da música e assistirem à exibição do documentário e do slide, houve a proposta de uma produção de texto inicial sobre as impressões trazidas sobre o tema “desigualdade social”, pautada em suas experiências e conhecimento socializados durante a exibição do vídeo e discussões em sala. Essas produções foram apresentadas aos colegas de sala, que fizeram seus comentários valorizando ainda mais o trabalho desenvolvido.

As atividades com música, slides e vídeos são sempre bem aceitos pela maioria dos alunos, justamente por se tratar de uma metodologia voltada ao lúdico e por sair da rotina conteudista, mas quando chegou o momento do registro escrito, vários deles resistiram em participar, julgando ser “chato” e “sem graça”. Nesse momento foi importante um trabalho de conscientização, mostrando que a escrita também é importante para nosso aprendizado e necessária em diversas situações do nosso cotidiano, sendo uma forma de registrar tudo que acontece, nossas ideias, nossos sentimentos e nossa história.



Figura 20 - Alunos da 3ª Fase A assistindo ao documentário “Moçambique – uma cultura rica e uma história de vida sofrida. (Fonte: acervo do autor).

As produções iniciais foram solicitadas logo após as discussões de vídeos e imagens trabalhados durante a etapa de Motivação. Com as informações recebidas e seus conhecimentos prévios, os alunos produziram um texto dissertativo argumentativo sobre as questões abordadas durante os Módulos 1 e 2.

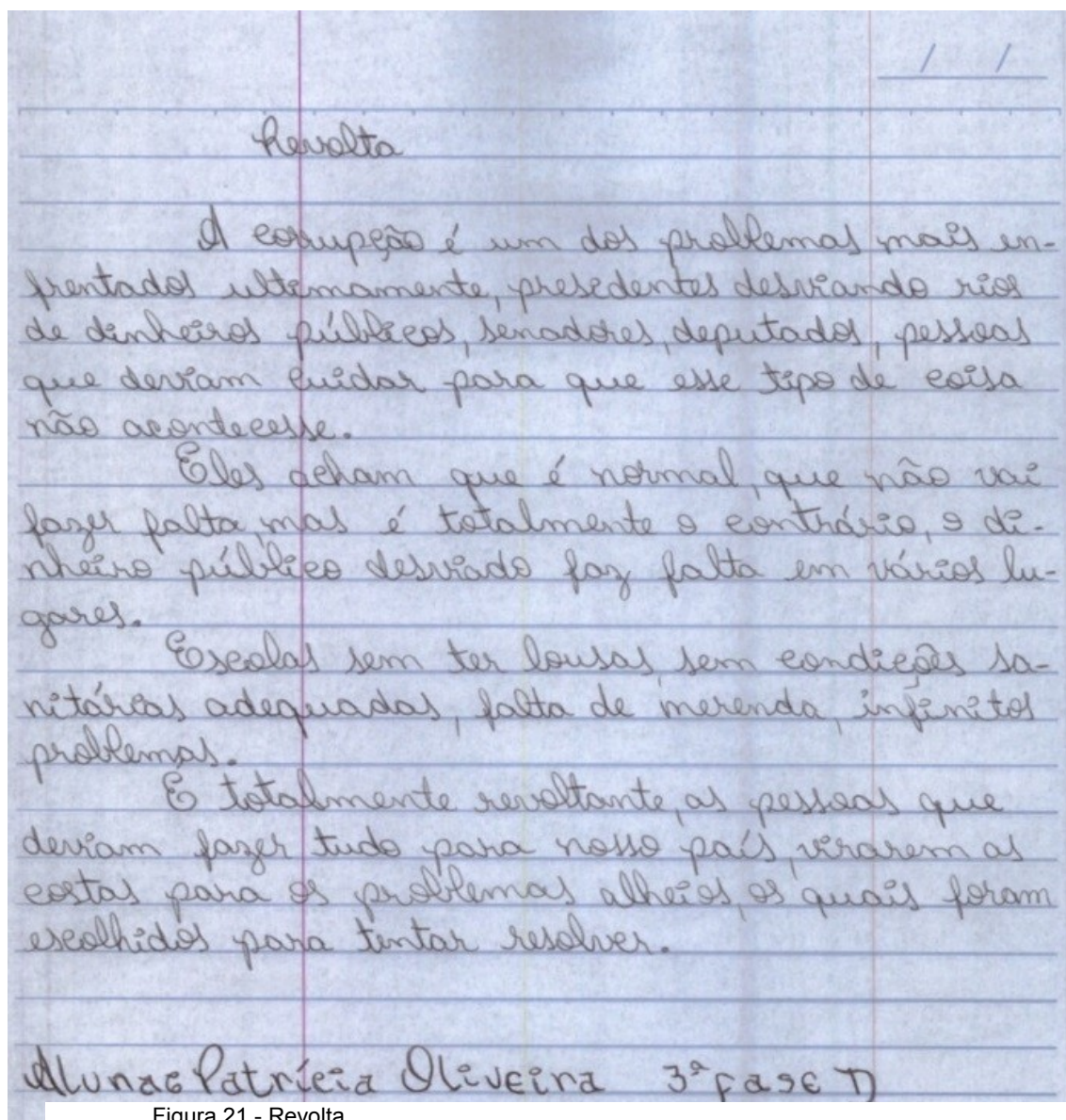


Figura 21 - Revolta

A aluna Patrícia da 3ª fase D do 3º ciclo é uma aluna leitora, sempre busca livros na biblioteca da escola ou troca com alguns colegas, é bem crítica e participativa durante as aulas. Em seu texto, Patrícia evidencia a sua indignação com os escândalos de corrupção que assolam o país e a banalização de atos ilícitos pelos políticos, e a falta de comprometimento com a população.

Ana Lúcia estuda na 3ª fase A, deixou explícito seu descontentamento com a política nacional e o descaso dos governantes em diversos segmentos da sociedade. Percebe-se a preocupação da aluna em conscientizar as pessoas sobre a importância do voto para reverter a situação em que o Brasil se encontra.

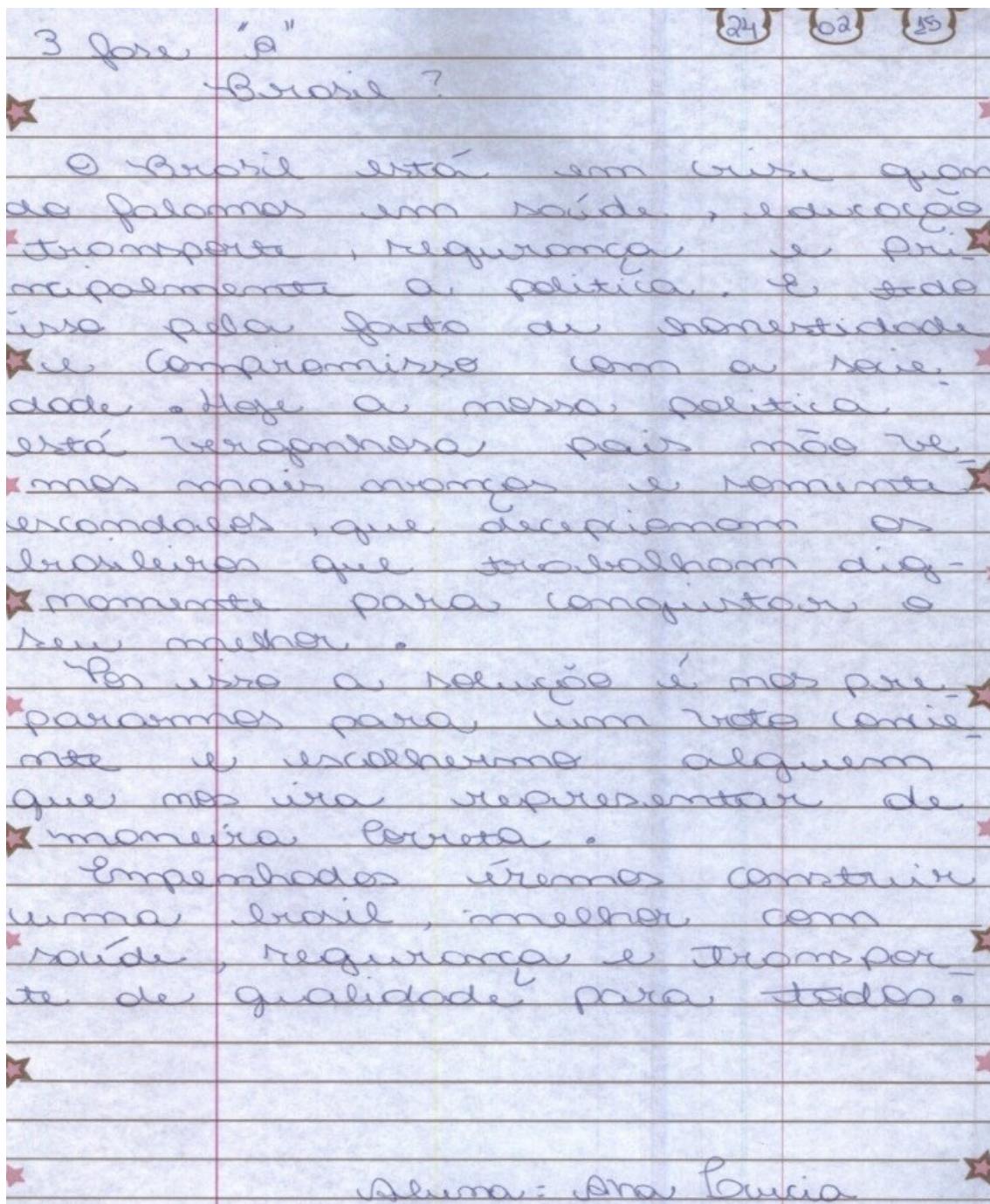


Figura 22 - Aluna Ana Lucia

"Mudanças Já!"

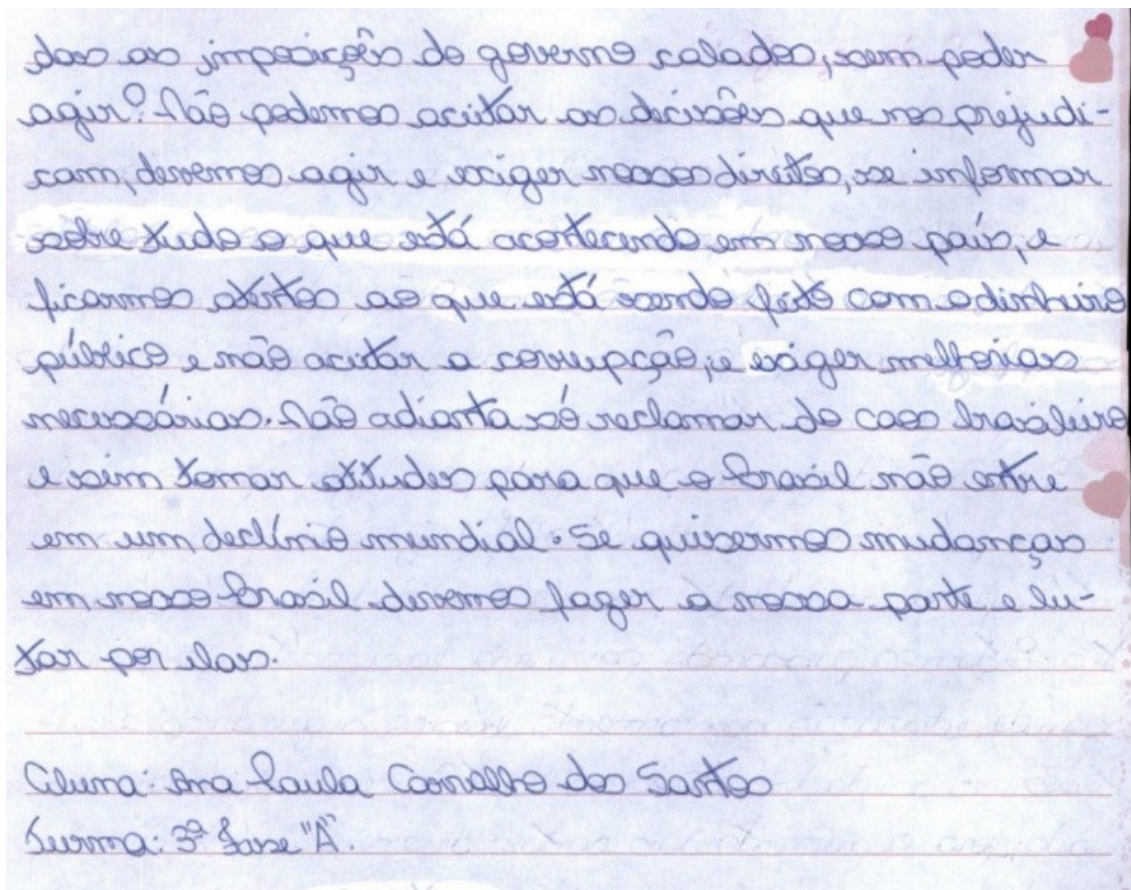
Neste amado país, o Brasil já passou por várias fases políticas, as quais largam com que as condições de vida dos brasileiros sejam difíceis. Não pedimos a expressão e fazer suas próprias escolhas, pois serem impedidos pelo governo autoritário.

Para realidade mudar, e poderemos dizer que o Brasil é um país "livre e democrático". Infelizmente essa frase está apenas sendo dita, mas a realidade do país é outra. Podemos passar por uma fase crítica, onde a saúde, educação, saneamento básico, segurança e outras necessidades do Brasil estão sendo deixadas de lado, fora o aumento das taxas de energia, do diesel, gasolina, e preço dos alimentos e materiais de dia a dia, e que afeta a qualidade de vida de ser brasileiro.

Enquanto estamos passando por essa situação, nós devemos falar nos meios de comunicação sobre essas condições e relatos da parte de pessoas que sofrem, e que causam uma tristeza e indignação em nossos corações, pois é que não precisamos enfrentar esse cenário de política interessado em trabalhar pelo país e pelo país.

De que adianta vivermos em um país democrático, onde temos o direito de se expressar, exigir uma sociedade melhor, se ficamos parados como se estivéssemos na época da ditadura militar, onde todos tinham que acatar to-

Figura 23 - Mudanças Já (1)



dos ao impedirem de governo colados, sem poder
agir? Não podemos aceitar as decisões que nos prejudi-
cam, devemos agir e exigir nossos direitos, se informarmos
sobre tudo o que está acontecendo em nosso país, e
ficarmos atentos as que está sendo feito com o dinheiro
público e não aceitar a corrupção, e exigir melhorias
necessárias. Não adianta só reclamar de caos brasileiro
e não tomar atitudes para que o Brasil não entre
em um declínio mundial. Se quisermos mudanças
em nosso Brasil devemos fazer a nossa parte e lu-
tar por elas.

Aluna: Ana Paula Correia dos Santos
Série: 3ª fase "A".

Figura 24 - Mudanças Já (2)

A aluna Ana Paula da 3ª fase A aborda em seu textos questões relacionadas ao período da ditadura, falando de uma falsa democracia e alerta para que atitudes sejam tomadas. Também é uma aluna leitora, é participativa e sempre bem informada.

Para Cosson (2014, p. 57), ao inserir na *sequência básica* as atividades integradas de leitura, escrita e oralidade, devemos ter muito cuidado para não prolongar o momento da motivação e perder o seu objetivo principal. O tempo limite para essa etapa costuma ser de uma aula, mas no desenvolvimento desse trabalho, foram necessárias duas aulas geminadas, nas quais foram trabalhados: música, questões orais, slide sobre as paisagens urbanas (favelas), documentário sobre Moçambique e uma pequena produção inicial. Parece muita coisa para duas aulas, mas são atividades rápidas, slides e vídeos curtos e a produção inicial foi também foi curta, apenas para mostrar as impressões dos alunos acerca do tema. Mesmo utilizando duas aulas, o foco foi mantido e os educando aproveitaram cada momento e trocaram ideias e experiências, justificando assim, o prolongamento da primeira etapa.

2.3 A INTRODUÇÃO

Cosson (2014) mostra que é a introdução que acontece a apresentação do autor e da obra. Ela não deve ser longa nem ater-se a dados biográficos e deverá conter informações básicas e de preferência ligadas ao texto. O professor falará da obra e de sua importância, justificar a escolha e evitar fazer a síntese da história, para eliminar as expectativas. A obra será apresentada fisicamente para os alunos, fazendo assim a leitura da capa, orelha e de outros elementos paratextuais presentes na obra. Nesse momento é importante o levantamento de hipóteses quanto ao desenvolvimento do texto, incentivando comparações e a recusa e justificá-las. Ater-se às críticas que constam nas orelhas ou contracapa facilitarão na hora da interpretação. Para Cosson (2014, p.61) a introdução não deve ser extensa, tendo duração de uma aula, pois tem como função “fazer com que aluno receba a obra de maneira positiva”.

Durante a etapa da introdução foram apresentadas vida e obra do autor moçambicano Mia Couto através de PowerPoint e de seu livro de contos *O fio das missangas*, São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Os alunos conheceram algumas obras do autor, que trazem reflexos e denúncia da situação política e social que assolam Moçambique.

Do conto não se tem exatamente registros de suas origens, mas sabe-se que a arte de contar e ouvir “estórias” é muito antiga. Gotlib (2014) destaca que a arte de contar estórias sempre reuniu pessoas, e em sociedades primitivas os sacerdotes eram transmissores de mitos e ritos através do ato de *contar*. Todos nós, em algum momento de nossas vidas, tivemos contato com “estórias” contadas pelos pais, pelos avós, casos ou também conhecido como “causos” contados por pessoas idosas, trazendo a força do mito, da religiosidade e do folclore.

Gotlib (2006) aborda a questão da evolução do conto, que vai desde a transmissão pela oralidade até o registro através da escrita com Grimm e Edgar Allan Poe. A autora também nos remete às três acepções para a palavra *conto* de acordo com Julio Casares: relato de um acontecimento; narração oral ou escrita de um acontecimento; fábulas que se conta às crianças para divertilas. Gotlib (2006, p. 35) afirma que para Poe, o conto é um trabalho consciente

e minucioso, defendendo a totalidade de efeito que o autor deve levar em conta ao escrever, “qual o efeito que pretendo causar no leitor”: pretende aterrorizar, encantar ou enganar? Para Gotlib (2006), o conto tem que conquistar o leitor, para que ele se prenda a um efeito, permitindo uma visão do conjunto da obra.

Esta etapa da Sequência Básica teve como objetivo estimular o levantamento de hipóteses a respeito do título do livro e sua temática, fazendo com que os discentes apreciassem um dos contos africanos, estabelecendo assim uma relação entre o contexto social, autor e obra.

Segundo Cosson (2014), as informações básicas devem estar ligadas ao texto e cabe ao professor falar da obra e sua importância, justificando assim a escolha. Explica ainda que a síntese da história deve ser evitada e a apresentação da obra física aos alunos deve ser feita, deixando que a manuseiem e com o auxílio do professor levantem hipóteses quando ao título, capa e outros elementos paratextuais existentes.

Conhecendo um pouco sobre a trajetória de Mia Couto, sua vida, suas obras, os alunos ficaram surpresos pelo fato de Moçambique, em meio a tanta pobreza e problemas políticos e sociais, ter escritores tão importantes. Outro fato que chamou muito a atenção foi a cor da pele de Mia Couto, que apesar de ser moçambicano, é branco e filho de portugueses. Foi muito bom ver o interesse dos alunos pelo autor e pelas obras. Pediram explicações sobre como efetuar compras de livros através de sites e também como fazer download de livros para leitura virtual e como acessar as novas ferramentas de leitura através da web.

O próximo passo seria levar as turmas para o laboratório de informática, para pesquisarem no Google Earth a localização de Moçambique e sobre outras obras do autor, tais como romances, poesias e crônicas. Porém não havia internet disponível no laboratório durante aquela semana, impossibilitando a realização da atividade. Mas para que o trabalho não ficasse comprometido, projetor e notebook conectados à internet da sala dos professores foram providenciados para que todos pudessem visualizar o mapa no Google e também outras obras do autor Mia Couto.

Houve uma conversa com os alunos sobre o título *O fio de missangas*(2014), onde levantaram hipóteses sobre o que tratava a obra. Após ouvir os alunos, levei ao conhecimento dos estudantes que Mia Couto deu esse

nome à sua obra porque acredita que cada conto do livro é escrito como que tecendo um colar, um conto completa o outro para uma compreensão da obra como um todo e que a voz do poeta é como um fio escondido entre as missangas, “um silêncio costurando o tempo”. Foi nesse momento que o título do conto foi apresentado: *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial*. A princípio os alunos acharam que se tratava de uma partida de futebol e várias hipóteses foram levantadas, até chegarmos à ligação existente entre o contexto social vivenciado pelo autor e o conto, justificando assim a escolha da obra.

Na Introdução a trajetória do autor moçambicano Mia Couto e sua obra foram apresentados de maneira sucinta, utilizando PowerPoint e data show, e o documentário *Moçambique, uma cultura rica e uma história de vida sofrida*, foi apresentado novamente, ilustrando a relação existente entre sua temática e o contexto histórico do país, possibilitando maior compreensão do conto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial*.

Após apresentar o autor moçambicano e algumas de suas obras, foi disponibilizado um exemplar dos livros de contos *O fio das missangas* e *A menina sem palavras*, ambos de Mia Couto. Os alunos manusearam, leram trechos de alguns contos e até mesmo pediram emprestado para fazer a leitura em casa. Com um pouco das informações obtidas sobre o continente africano, sobretudo Moçambique e África do Sul (apartheid), partimos para a leitura do conto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial*, que faz parte da obra *O fio das missangas*.

2.4 A LEITURA

No módulo quatro, os objetivos eram desenvolver um olhar crítico sobre desigualdade social e racial presentes na sociedade e compreender qual a importância de ações transformadoras diante dos problemas sociais. Para isso, os alunos receberam cópias do conto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial* do autor Mia Couto, para que seja feita a leitura silenciosa.

Nessa etapa, como esclarece Cosson (2104, p.62), será feito o acompanhamento da leitura, sem policiamento, apenas para auxiliar os alunos em suas dúvidas. Se for um texto extenso, a leitura será realizada extraclasse, se for um texto curto, a leitura será em sala de aula. Um bom exemplo dado

pelo autor, que serve para compreendermos melhor a importância da leitura, é a história de uma professora de literatura que passou a gostar de ler por influência de sua mãe. Elas saíam juntas para comprar livros, que eram trocados entre ambas após cada leitura. Mas quando a mãe percebeu que ela lia apenas o início e o final da história, passou a “acompanhar” a leitura da menina e cobrar detalhes, comentando cada capítulo e discutindo sobre os trechos mais importantes. Assim a professora criou o hábito de leitura, graças à influência da mãe. É assim que acontece na Sequência Básica do Letramento, um acompanhamento de leitura com a finalidade de auxiliar e estimular os alunos em suas leituras. Cosson (2014, p. 62) nos remete ainda à importância do professor envolver-se com a leitura juntamente com os alunos. Há muitos casos em que os docentes solicitam uma leitura e ficam vigiando seus alunos para que realizem suas leituras. Na pesquisa do Perfil do Leitor realizada na Escola Virgílio Corrêa Filho, vários alunos citaram em uma das questões, a importância de “todos” na escola, envolverem-se com a leitura, principalmente o professor. Quando o professor pede uma leitura e restringe-se apenas em vigiar seus alunos, criando-se uma imagem contrária à que se espera das crianças, pois como já sabemos, o educador deve ser um exemplo e exercer boa influência em seus alunos.

Durante a etapa de leitura, Cosson (2014, p. 63) nos remete à importância dos intervalos que deverão ser aplicados, podendo estes ser a leitura de textos menores que tenham ligação com o texto principal ou a leitura conjunta de um capítulo ou trecho. As atividades do intervalo são destinadas a perceber dificuldades de leitura dos alunos, sendo elas o vocabulário, estrutura composicional, interação com o texto ou ritmo de leitura. A duração desta etapa será de acordo com o período necessário para sua realização.

Quando os alunos receberam o conto, tiveram a curiosidade de iniciar a leitura enquanto as cópias eram distribuídas, e já perceberam algumas diferenças no vocabulário empregado no texto. Começaram a questionar e até mesmo mencionar que houve erros de digitação. Quando todos estavam com o texto em mãos iniciamos a primeira leitura, que foi silenciosa, onde circularam as palavras escritas de forma “diferente” ou as que não sabiam o significado. A segunda leitura foi feita de forma coletiva com o auxílio do projetor e a cada trecho lido, utilizaram o dicionário para encontrar o significado das palavras,

dando sentido ao texto. Após essa segunda leitura abrimos espaço para discussão para expressarem oralmente o que haviam entendido, as relações estabelecidas com o que já havíamos estudado e os comentários sobre o texto.

Não foi difícil para os alunos associarem o sofrimento de Sexta-Feira com as condições de segregação racial e social vivida em Moçambique no período pós-colonial, pois nos documentários assistidos anteriormente todas essas informações foram passadas. Houve uma certa sensibilização e altruísmo no momento em que Mia Couto narra a busca do mendigo por uma falsa ilusão de “lar” e “família” ao procurar o hospital, principalmente no momento em que o narrador-personagem narra a “suposta” partida de futebol, que na interpretação dos alunos, seria o cumprimento da promessa do dono da loja de televisores: uma surra pior do que as anteriores caso retornassem ao *passeio* (calçada) em frente à loja.



Figura 25 - 3ª Fase A – leitura do conto através do projetor. (Fonte: acervo do autor).

Durante as leituras os alunos foram relacionando os fatos com a realidade tanto do cotidiano moçambicano, quanto do nosso país. Foi importante recordar nossas raízes, a vinda dos negros para o Brasil, a maioria negra que hoje compõe nossa população e sobretudo o racismo e preconceito crescente em relação aos negros não só aqui, mas em outros países também.

Após a leitura do texto, os alunos tiveram a oportunidade de expor suas hipóteses e impressões sobre os aspectos abordados no conto, tais como

questões sociais, raciais, políticas e culturais, levando-os à reflexão. A forma particular de Mia Couto escrever foi percebida no texto, pois os alunos perceberam traços da segregação e do preconceito social que o personagem sofria. Algumas questões de interpretação foram trabalhadas para promover a compreensão e o debate das questões sociais e raciais que são marcantes no conto.

Foram realizados dois “intervalos” entre as leituras do conto, que segundo Cosson (2014, p. 62), são atividades específicas e podem ocorrer de várias formas, como por exemplo, utilizando pequenos textos que estejam relacionados com a obra em estudo (intertextualidade) para melhor compreensão do texto maior. Pode-se trabalhar até três intervalos durante a leitura de uma obra.

No primeiro intervalo os alunos assistiram ao documentário “Guerra em Moçambique terminou há vinte anos”, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=QrzlsAEFLXQ>, que mostra um pouco sobre o terror da guerra civil vivida pelo povo moçambicano e o slide “África... que mundo é este?” disponível em <http://pt.slideshare.net/EdFraga/frica-2-4420585#>. O slide mostrou de forma sucinta as regiões do continente africano, sua economia, cultura e turismo. Mas o foco maior foi África do Sul com Nelson Mandela e a luta contra o Apartheid e Moçambique, o país do qual estávamos conhecendo.

Muitos alunos não imaginavam que no continente africano há tanta beleza natural, uma vez que a imagem do continente está associada à miséria, fome, doenças e pessoas desnutridas. Com informações e imagens do continente africano e suas questões políticas e sociais, os estudantes conseguiram estabelecer ligações com informações implícitas no texto, ou seja, relacionar a história daquele povo com a história do personagem do conto de Mia Couto.



Figura 26 - Grupo de guerrilheiros durante a guerra civil em Moçambique. (Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=QrzIsAEFLXQ>)



Figura 27 - Documentário sobre Moçambique e suas questões políticas e sociais. (Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=QrzIsAEFLXQ>)



Figura 28 - Documentário sobre Moçambique e suas questões políticas e sociais. (Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=QrzIsAEFLXQ>)

Um fato que chamou a atenção, foi um questionamento de uma aluna: “Professora, há algumas aulas que estamos vendo vídeos, slides, discutindo sobre vários assuntos... Quando que a gente vai começar a ver o conteúdo?” Esse questionamento nos leva a uma reflexão de que nossas escolas ainda estão presas a uma grade curricular voltada apenas ao conteúdo tradicional. A aluna ainda não havia percebido a quantidade de conhecimentos transmitidos trabalhados sobre história, política e sociedade em sala através de uma nova metodologia. Como se verifica ainda uma grande desigualdade social e preconceitos que perduram em nosso país por razões étnicas e raciais é importante um trabalho de intervenção contemplando a lei 10.639/03, para que nossos alunos conheçam nossas raízes e não veja a África como algo ‘exótico’. Como afirma Amâncio (2014, p. 34) há necessidade de uma reflexão sobre a lei e sua importância para que nossas crianças conheçam suas raízes e a cultura que faz parte de sua história que deve ser levada em consideração pelos gestores e educadores. Gomes (2010, p. 103) alerta para que haja uma melhor preparação dos profissionais da educação para que a lei seja efetivamente colocada em prática nas escolas brasileiras. A autora ainda nos remete à insegurança e falta de conhecimento sobre a diversidade étnico-racial

entre os educadores, o que tornou necessário a implantação de cursos de formação de professores de nível superior, que por sua vez, resistem na inserção do tema nos currículos.

Há uma visão de que a pobreza e a miséria estão concentradas apenas em grandes centros como favelas do Rio de Janeiro e São Paulo. No segundo intervalo, partimos para a leitura de alguns artigos relacionados à desigualdade social no Brasil e também sobre a lei 10.639/03 para compreender melhor o motivo de estudarem sobre a história de Moçambique e sua literatura.

A princípio, os alunos seriam levados ao laboratório de informática para realizarem a pesquisa dos artigos em sites previamente sugeridos. Porém, devido à problemas com a conexão de internet e computadores em número reduzido, a opção foi levar os artigos já impressos para um estudo coletivo em sala de aula. A opção de encaminhar a pesquisa como tarefa de casa também foi cogitada, mas como vários alunos não possuem computadores com internet alguns não têm o hábito de realizar suas tarefas, tornou-se inviável, podendo comprometer o andamento das atividades necessárias para o desenvolvimento do projeto.

A turma foi dividida em grupos de acordo com a quantidade de artigos. Foi dado um tempo para que o grupo fizesse a leitura do texto, discutissem sobre o tema e suas impressões, elaborassem um cartaz ou mapa conceitual e ensaiassem para apresentar seu artigo para os colegas. Os artigos selecionados para o trabalho foram os seguintes:

- a) Estado rico, setores em colapso: povo pobre é contraste de equilíbrio do Governo;
- b) Desigualdade social, preconceito e racismo;
- c) Desigualdade social;
- d) Discriminação social, racial e de gênero no Brasil;
- e) A história e cultura afro brasileira e a lei 10.639/03: desmitificando a inferioridade racial brasileira;
- f) 100 mil pessoas moram em 23 bairros que hoje são favelas em Cuiabá.

O estudo dos textos e as apresentações contribuíram para que os alunos percebessem que a desigualdade social está presente na maioria dos lugares, e que o estado de Mato Grosso também sofre com essa desigualdade.

Apesar de ser um dos maiores produtores de grãos do país, há o contraste entre a riqueza e a pobreza.



Figura 29 - Alunos da 3ª Fase D – Preparação para as apresentações dos artigos. (Fonte: acervo do autor).



Figura 30 - Alunos da 3ª Fase D – Elaboração de cartazes para apresentação dos artigos. (Fonte: acervo do autor).



Figura 31 - Alunos da 3ª Fase C – Estudos para apresentação dos artigos. (Fonte: acervo do autor)

O estudo dos artigos proporcionou um bom entrosamento dos grupos. Como sempre, alguns alunos ou grupos não participaram de forma comprometida, mas a maioria apresentou seus textos, elaborou seus cartazes e apresentou suas ideias sobre o assunto, gerando debates, em especial, relacionado ao estudo da cultura afro-brasileira nas escolas e a importância de conhecer e valorizar nossas raízes. Algumas questões sobre as condições sociais, distribuição de renda e desigualdade social em nosso Município foram levantadas, pois se trata de uma região rica, grande produtora de soja e que mesmo assim, possui uma divisão social acentuada.

Ainda sobre a leitura, Santos et al (2013) alerta que deve haver o estímulo da leitura crítica e participativa, levando à compreensão e à elaboração de outros textos (orais ou escritos) para que ocorra a interação com os interlocutores. O trabalho com o estudo dos artigos, a produção dos cartazes e exposição do assunto, proporcionou aos grupos essa leitura crítica, aprimorou o conhecimento e deu segurança para que, através da oralidade, pudessem passar essas informações aos colegas. Foi uma aula produtiva, pois mais uma vez houve a participação de muitos alunos, eles saíram do lugar de ouvintes apenas, e passaram a ser transmissores de conhecimento.

2.5 A INTERPRETAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Na Interpretação ocorre o entretecimento dos enunciados, que segundo Cosson (2014, p. 65 - 66) parte das inferências para a construção do sentido do texto, “dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. Para o autor, a interpretação deve ser pensada em dois momentos: um *momento interior*, no qual acompanha a decifração, cada palavra, cada página ou capítulo, é a “apreensão global da obra” logo após a leitura, sendo assim o encontro do leitor com a obra. O *momento exterior* é a concretização da interpretação, é a “construção de sentido em uma determinada comunidade”, onde o letramento literário feito na escola se difere das leituras literárias convencionais. As atividades de interpretação devem ser registradas. Esses registros podem variar de acordo com o tipo de texto, idade, série, dentre outros aspectos. Desenhos, músicas, maquetes, resenha, colagem, produção literária, feira do livro, são sugestões de atividades a serem desenvolvidas como forma de externalização da leitura.

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente (...) por meio do compartilhamento de suas impressões, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto (COSSON, 2014, p. 66).

Para Cosson (2014, p. 66), a duração da interpretação será de acordo com a necessidade e os trabalhos de externalização e não precisam necessariamente ser apresentados em um grande evento, basta que o aluno tenha a oportunidade de refletir sobre a obra de maneira explícita, estabelecendo um diálogo entre os leitores da comunidade escolar. Nesse momento, ocorre a “construção de sentido” por meio das inferências feitas pelo aluno, sendo dividido em dois momentos: o interno, que acompanha a decifração minuciosa das palavras ou capítulos, sendo o “encontro do leitor com a obra”; e o momento externo, que é a concretização da interpretação, a construção do sentido, ocorrendo o letramento literário, que para Cosson (2014, p. 65) é muito importante pois

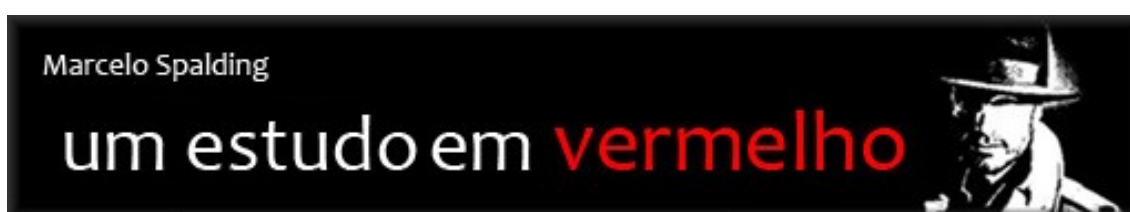
É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. (...) quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela

verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega (...)

Ao compartilhar a interpretação, o aluno toma consciência de que é parte de uma coletividade que amplia seus horizontes através da leitura no horizonte da Estética da Recepção. Baseada nesses princípios, a atividade de interpretação desse trabalho iniciou com uma “mesa redonda”, onde os alunos pontuaram fatos em comum entre o conto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial* de Mia Couto e todas as informações obtidas com os vídeos, documentários e artigos lidos sobre a história política e social do povo moçambicano. Cada aluno fez suas anotações particulares sobre o que compreendeu durante a leitura e os estudos, o que mais lhes chamou a atenção, sobre a influência dessa história sofrida na formação social de nosso país, expondo oralmente para a turma suas impressões. A etapa da interpretação também foi muito importante, para levar ao conhecimento dos alunos novas formas de fruição do texto literário, tendo assim, o auxílio de recursos tecnológicos. Os alunos foram levados ao laboratório de informática e a atividade proposta foi uma visita a sites de literatura digital como: www.hipercontos.com.br e www.recantodasletras.com.br. Como as turmas são numerosas, foi necessário dividir os alunos em duplas, pois apenas seis computadores estavam disponíveis para uso. Foi um grande desafio trabalhar essa atividade com turmas de 32 alunos, em duplas e com poucos computadores, mas não foi impossível. A empolgação por uma atividade diferenciada foi grande. Nos dias em que combinamos para a realização das visitas aos sites, pouquíssimos alunos faltaram, pois queriam muito participar de algo diferente. Foram duas aulas agitadas, tendo que administrar o tempo, a organização das duplas, a disciplina dos alunos que estavam aguardando para utilizarem os computadores e a orientação sobre como acessar e navegar pelos sites. Porém, a atividade foi realizada com sucesso, visto que o interesse era visível na maioria dos estudantes. Eles navegaram pelos sites e leram os diversos tipos de contos disponíveis, percebendo que a leitura pode ser feita também no formato digital, com apresentações diversas que tornam o ato de ler divertido e prazeroso.

No site www.hipercontos.com.br, iniciaram a atividade inserindo nome e e-mail, e perceberam que com um “click” tornaram-se personagem do conto *Um estudo em vermelho* de Marcelo Spalding, disponível em www.marcelospalding.com.br, acesso em 05 de agosto de 2014. As duplas fizeram um passeio pelo site, lendo um pouco sobre o autor e sua forma inovadora de literatura, e em seguida, iniciaram a leitura do conto, que a cada caminho escolhido, direcionava a narrativa para um final diferente. Fizeram anotações sobre os caminhos escolhidos e qual o final de seus contos, e surpreenderam-se quando perceberam, durante a socialização em sala de aula, que existiam vários finais para a mesma narrativa. Foi muito bom ver que estavam realmente gostando da aula e principalmente, que os alunos que possuem acesso à internet, seja pelo computador ou pelo celular, tiveram a curiosidade de entrar no site em suas casas e tentar outros caminhos para conhecer outros finais. A aceitação por esse tipo de leitura foi muito positiva.

Marcelo Spalding é professor, escritor e jornalista, além de ser o idealizador do movimento Literatura Digital. Em seu site www.marcelospalding.com, defende não o abandono dos livros, mas sim uma nova modalidade literária, fazendo com que dediquem um pouco de seu tempo para boas leituras, e não apenas à jogos e redes sociais. Marcelo explica que a literatura digital é acessível para as pessoas onde quer que elas estejam, pois pode ser acessada de tablets, smatphones e computadores, contribuindo para o aprendizado escolar. Marcelo Spalding já escreveu diversos livros, dentre eles *Vencer por Linhas Tortas* (2015), *As Cinco Pontas de uma Estrela* (2015) e *A Cor do Outro* (2008). É autor do hiperconto *Um estudo em vermelho* e *Minicontos coloridos*.



No site www.recantodasletras.com.br, os alunos tiveram contato com os diversos gêneros textuais publicados, inclusive os contos, e viram que os textos publicados não são apenas de autores consagrados, mas de pessoas comuns, estudantes, pessoas que gostam de ler e de escrever gêneros diversos. Cada dupla escolheu um conto para ler e socializaram na sala de aula essa experiência.

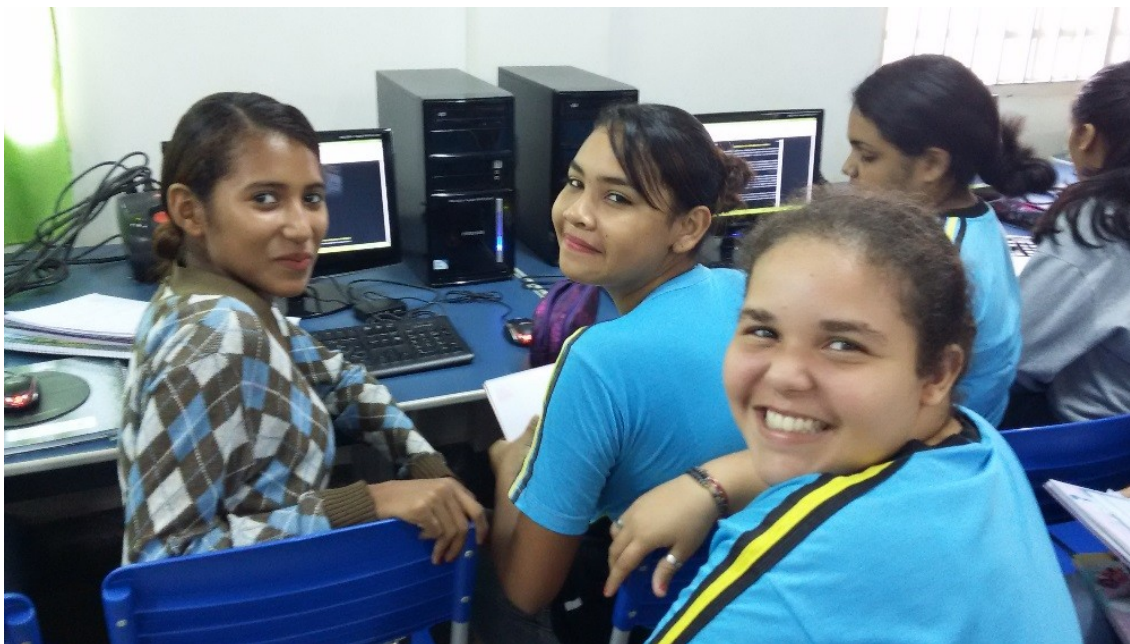


Figura 32 - 3ª Fase B – Leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho” (Fonte: acervo do autor)



Figura 33 - 3ª Fase D - Leitura do hiperconto “Um estudo em vermelho” (Fonte: acervo do autor)

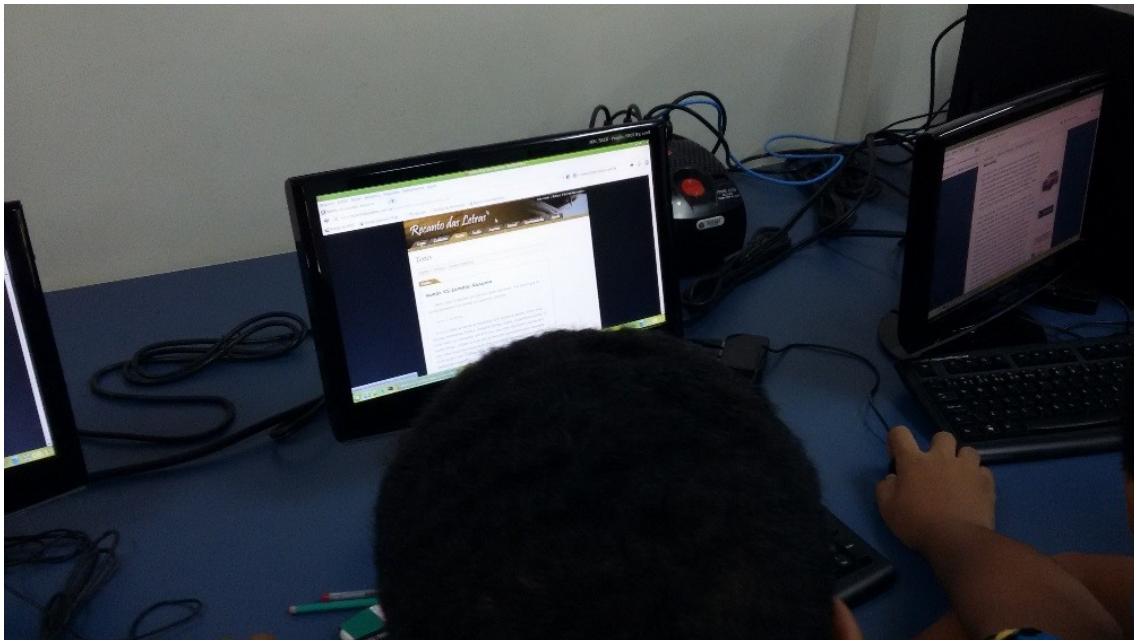


Figura 34 - 3ª Fase D – Visita ao site “Recanto das Letras” (Fonte: acervo do autor)

Na aula seguinte, foi o momento de compartilhar o que fizeram no laboratório. Cada dupla apresentou para os colegas o final de seu conto *Um estudo em vermelho* e o conto que mais gostou no site *Recanto das letras*. Nesse momento foi mencionado que eles seriam autores também. Ficaram curiosos para saber qual seria a outra atividade e o que aconteceria. Foi quando souberam da criação da página no facebook e que deveriam fazer uma lista de sugestão de nomes para essa página. Expliquei que na página seriam postadas suas produções e que eles também são autores e precisam mostrar suas ideias. Pedi para que fizessem um pequeno relatório falando sobre o que acharam da aula anterior, se gostaram ou não, o que poderia mudar, as falhas que observaram, participação dos colegas, dentre outros. O resultado foi surpreendente como mostram as imagens abaixo:

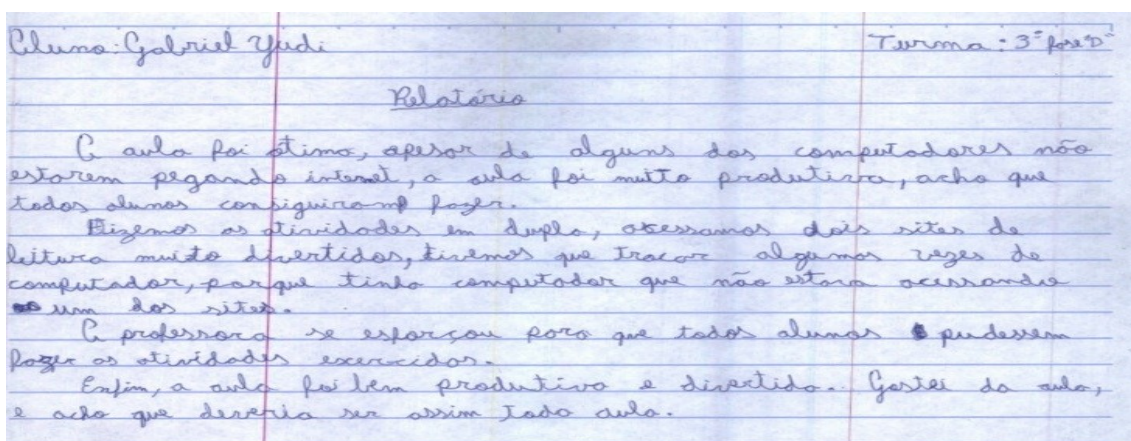


Figura 35 - Gabriel Yudi

Relatório

Nome: Juliana Nunes Silva

O nesse trabalho foi muito legal todos da meu grupo participaram todos fizeram e leram eles gostaram e acharam muito interessante, eu também gostei é muito legal esses textos é bem legal de ler e aprendi muito no trabalho mostrou que como história pode ter vários finais e o fim da minha história foi bom, foi um muito interessante isso tudo no laboratório, usou mesmo muitas coisas acho que todos gostaram de aula e do trabalho e não teve problemas para as pessoas fazerem o trabalho.

Figura 36 - Juliana Nunes Silva

Relatório

A aula passada foi muito interessante, descobri novos sites para leitura, e aulas assim incentivam a leitura, aulas diferente assim são muito boas. a participação dos alunos e dos grupos foi ótima. Eu e meu amigo aprendemos muito, sabemos o caminho da História e teremos um final surpreendente, os pontos também foram muito bons. foi a primeira vez que uma professora fez uma aventura desses com a turma, e ela fez um belo trabalho global a todos.

Figura 37 - Relatório

Eu acho interessante pela variedade de gêneros, criatividade dos autores e por ser on-line. Esses sites são muito interessantes, porque às vezes pessoas que, quem escreve histórias são das pessoas estudadas, mas estes sites são pessoas comuns como, estudantes, universitários etc. Ajuda também na questão da criatividade, dando outras histórias e desenvolvendo ideias. O meu de comunicação vem moderno, tecnológico mostrando-nos que não se escreve e publica só em papel e abre espaço para as pessoas expressarem suas ideias mesmo não tendo o devido estudo para essa área.

O Trabalho em grupo foi bom, todos participaram e no geral na sala quase todos participaram. Foi muito legal e tem também a importância de conhecimento para expandir nosso conhecimento das palavras.

Figura 38 - Relatório

Relatório

A aula do dia 25/3/15 foi diferenciada, pois fomos eu e minha turma ao laboratório de informática, aprender outros tipos de leitura; no dia em questão, vimos a leitura on-line.

Os computadores não foram o suficiente para todos, pelo pequeno problema de manutenção, mas conseguimos ir revisando, portanto todos conseguiram usufruir da experiência.

Eu e meu parecer (pois os computadores foram usados em dupla) gostamos dos pontos, interativos e a professora por mais que a sala seja numerosa conseguiu nos auxiliar na atividade.

De um ponto de vista geral a aula foi muito produtiva e digna de acontecer mais vezes ao longo do ano letivo.

Figura 39 - Relatório

Através dos relatos, fica claro como o trabalho com os sites no laboratório foi importante para os alunos, mesmo com poucos computadores disponíveis. No retorno à sala de aula, muitos deles relataram que os professores nunca trabalham atividades dessa forma, restringindo-se apenas a exercícios do livro didático ou conteúdo no quadro. Há de se concordar que, com o perfil dos nossos alunos, indisciplinados e sem interesse pelas aulas, o professor precisa perder sua resistência ao novo e desenvolver atividades extraclasse diferenciadas, pois é trabalhoso e dependendo da turma é difícil controlá-la em momentos de discussão, de empolgação, por exemplo. No entanto muitas atividades, principalmente envolvendo as mídias e recursos tecnológicos, fazem o aluno ver a escola de outra maneira, desperta nele o interesse antes perdido ou mesmo nunca observado. O trabalho com a literatura através das mídias, traz para os alunos uma infinidade de possibilidades de leituras, um contato diferente com a literatura e principalmente torna-os autores também. Cosson (2014, p. 20) afirma que

Em uma visão mais ampla, a internet em sua miríade de formas e facilidades, parece ser um verdadeiro oásis para a literatura e as limitações impostas pela obra impressa, como nas bibliotecas virtuais, com suas vastas coleções de obras nacionais ou estrangeiras em domínio público. Os *e-books* comercializados ao lado de obras de papel e tinta nos sítios das editoras, das livrarias e dos sebos virtuais constituem outra forma de acesso facilitado ao texto literário na internet [...]

Após as atividades com os sites, relembramos a estrutura do gênero literário “conto”, buscando as características nos contos estudados em sala e nos sites visitados. Os alunos perceberam que há vários tipos de contos: policial, de aventura, de amor, terror, comédia, dentre outros. Houve questionamento sobre a diferença entre o conto e a crônica, mesmo porque os dois gêneros são muito parecidos, mas com particularidades. Para esclarecer melhor essas diferenças, os alunos receberam o material impresso “Diferença entre conto e crônica”, que explica as particularidades de cada um dos gêneros de maneira clara. Para não ficar nenhuma dúvida, essas características foram trabalhadas no conto *O mendigo Sexta-Feira jogando no mundial* de Mia Couto e também, no conto *O grande encontro* da autora Silvana Tavano, presente no livro didático.

Os livros *O fio das missangas* e *A menina sem palavras* foram disponibilizados aos alunos para que pudessem ler alguns contos e familiarizarem-se ao gênero antes de partimos para a produção final. Alguns alunos buscaram outros livros de contos disponíveis na biblioteca da escola para leitura e ampliação de conhecimento sobre o gênero.

3. ATIVIDADE DE PRODUÇÃO FINAL

O módulo 6 foi exclusivamente voltado para o registro e compartilhamento das produções. Essa atividade segundo Cosson (2014), amplia os sentidos que foram construídos individualmente no decorrer da leitura. O aluno conscientiza-se de que faz parte de uma coletividade fortalecida pela ampliação de horizontes de leitura. Esse módulo teve como objetivo levar os alunos à reflexão sobre a função social da escrita para a produção de textos coesos e coerentes a partir da ampliação de horizonte de leitura, posicionando-se criticamente perante a sociedade em que vivem.

Os caminhos a serem seguidos para a “externalização da leitura” são variados, podendo ser uma produção de resenha, música, teatro, exposição cultural, maquete, produção de texto literário entre outros. O importante é que o aluno reflita sobre a obra lida e estabeleça um diálogo entre os leitores da comunidade escolar (COSSON, 2014, p. 67-68).

Para a essa externalização da leitura, os alunos realizaram uma atividade de produção textual em que colocaram em prática diversos aspectos sobre o gênero textual conto, principalmente acerca da sensibilidade para criar uma história dentro dos parâmetros exigidos. Foram levados em conta aspectos como a ficção, as características dos gêneros, o uso de vocabulário adequado, pontuação, parágrafos, a releitura constante durante o processo de produção, elementos de coesão e coerência, dentre outros. Os cuidados quanto à organização textual do gênero também foram cobrados, não importando se o conto seria de terror, romance, comédia, drama ou suspense.

A princípio, a proposta seria a produção de um conto cujo tema fosse desigualdade social e preconceito. Mas por se tratar de um projeto com atividades de intervenção que leva em consideração um histórico de desinteresse dos alunos por atividades escolares, priorizou-se o gênero literário conto como forma de aprimorar a leitura e a escrita dos alunos. Desde o início do projeto, percebeu-se o interesse dos alunos pela forma como as aulas estavam sendo ministradas e quais seriam as atividades para aquele dia. Diante dos equipamentos como projetor, caixa de som e microfone, ficavam curiosos sobre o que seria feito. Isso prova o quanto é importante o professor

buscar conhecimento e formas diferenciadas para trabalhar as atividades escolares, coisas simples mas que despertam o interesse, algo diferente que saia da rotina e que torne o saber significativo para o aluno.

3.1 COMANDO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Agora que você já conhece a estrutura do gênero CONTO, é a sua vez de ser o contista. O objetivo será criar um conto seguindo as orientações seguintes:

- a) Criar personagens com características físicas e psicológicas;
- b) O tema de seu conto ficará a seu critério, podendo abordar questões relacionadas à desigualdade social e preconceito, ou outro tema que seja de seu interesse;
- c) Pensar como será o espaço, tempo e tipo de narrador;
- d) Apresentar os elementos da narrativa (introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão);
- e) Pense em um enredo interessante e que prenda a atenção do leitor e um título criativo. Seu conto poderá ser de amor, terror, fantasia, ficção, suspense, comédia, dentre outros.
- f) Ao escrever seu conto, pense em quem serão os leitores, pois seu texto será publicado na internet (www.eevirgilio.blogspot.com.br na página do Facebook Escola Virgílio: Jovens Leitores disponível em <https://www.facebook.com/autoresdavirgilio>);
- g) Faça primeiro um rascunho, leia, releia, revise várias vezes e faça as adequações necessárias;
- h) Faça a avaliação do seu texto de acordo com a ficha “Avaliando a Produção” da página 198 do livro didático;
- i) Passe a limpo com a identificação e entregue.

Após a produção do rascunho, os próprios alunos fizeram a revisão através de uma ficha de autoavaliação, observaram em quais aspectos precisavam melhorar e fizeram a reescrita com as devidas alterações. Finalizadas as produções, foram feitas as correções necessárias e os textos

foram devolvidos aos alunos. Iniciamos o trabalho de reescrita com atendimento individualizado de acordo com as necessidades e dúvidas de cada um. Alguns textos não precisaram de reescrita, apenas algumas adequações quanto à pontuação. Porém, diversos alunos precisaram reescrever seus textos, alguns até mais de quatro vezes. Durante as aulas, atividades extras foram encaminhadas para os alunos que já haviam terminado suas produções para que o trabalho de reescrita pudesse acontecer com o restante da turma. Mais um desafio a ser vencido: manter o foco dos alunos em atividades distintas na mesma turma. Foram seis aulas para o trabalho de reescrita dos textos, e os que já haviam finalizado suas produções auxiliaram os colegas que necessitavam de ajuda.

3.2 OS RESULTADOS

Alguns textos foram selecionados como amostragem dos resultados obtidos através do trabalho com a sequência básica do letramento literário, porém todos os contos reescritos e digitados pelos alunos foram publicados na página Escola Virgílio: Jovens Autores. O trabalho de reescrita foi importante para que os alunos refletissem sobre a escrita e aprimorassem seus contos, sempre através da releitura de suas produções. Os textos a seguir mostram como o trabalho com a sequência básica e a leitura dos contos contribuíram para que os estudantes produzissem seus próprios textos. Todo o processo, desde a motivação até a atividade de produção final foram importantes para criar situações de aprendizagem e levar o aluno a compreender a importância da escrita e sua função social.

Para mensurar o aprendizado dos alunos através da Estética da Recepção e da prática desenvolvida com a Sequência Básica, analisaremos o conto produzido pelo aluno Gabriel da 3ª fase B. Trata-se de uma segunda versão, na qual ainda observamos várias inadequações linguísticas tais como ortografia, pontuação e acentuação. Houve a intervenção do professor no trabalho de reescrita e a utilização do dicionário. Quanto à estrutura do gênero textual conto, o aluno não teve tanta dificuldade e apresentou em sua produção a estrutura do gênero.

Os segredos da morte

Eu veses você olha e pensa: como é morrer? Bom, no meu caso ruim. Eu tinha uma família, um bom emprego, enfim, minha vida era perfeita. Meu nome, é, ou era, Manuel. Morri atropelado por um carro, bem, não posso dizer que foi a melhor forma de morrer, mas não controlo o destino.

O que todo mundo quer saber, é quando você vai quando morre. Agora que morri, vejo com clareza o céu e o inferno. O céu é um lugar santo onde entra só pureza e bondade e o inferno, é um bar cheio de bebidas, drogas e prostitutas. Você escolhe por onde ir, mas não tive essa oportunidade ainda.

Vamos falar das vantagens de ser um morto, não tem nenhuma. Eu sou um fantasma, não como, não bebo não toco, fico sentado observando até chegar a hora. Você deve estar se perguntando se estou sozinho, afinal milhares de pessoas morrem todos os dias. Mas a respeito

Figura 40 - Conto: Os segredos da morte

é sim, estou sozinho. Eu sinto a presença das outras mas não consigo vê-las e eu tenho a ilusão que estou sozinho.

Depois de um tempo finalmente vou escolher para onde vou.

Mas antes de contar essa parte, vou tirar mais uma dúvida: estou escolhendo para onde vou e é fácil se escolher a porta dos céus. Não é assim, o céu tem que te chamar, não mesmo. escolhendo a porta dos céus você vai para o inferno. Continuação de no meu caminho. encontrei duas portas, mas sabia que era céu e inferno, até que cheguei mais perto e vi os nomes: "céu - inferno". Fiquei ali parado sem saber o que fazer, até que uma coisa muito forte começou a me puxar. Não sabia se era o céu ou o inferno, mas quando cheguei em frente as duas portas, fui puxado para a porta dos céus e naquele instante, eu senti que estava salvo.

Plumo: Gabriel de Souza

Figura 41 - Conto: Os segredos da morte (continuação)

Os segredos da morte

Às vezes você olha e pensa: como é morrer? Bom, no meu caso, ruim. Eu tinha uma família, um bom emprego, enfim, minha vida era perfeita. Meu nome é, ou era, Manuel. Morri atropelado por um carro, bem, não posso dizer que foi a melhor forma de morrer, mas não controlo o destino.

O que todo mundo quer saber, é pra onde você vai quando morre. Agora que morri, vejo com clareza o céu e o inferno. O céu é um lugar santo onde entra só pureza e bondade, o inferno é um bar cheio de bebidas, drogas e prostitutas. Você escolhe pra onde ir, mas não tive essa oportunidade ainda.

Vamos falar das vantagens de ser um morto: não tem nenhuma. Eu sou um fantasma, não como, não bebo não toco em nada e em ninguém, fico sentado só observando. Você deve estar se perguntando se estou sozinho, afinal milhares de pessoas morrem todos os dias. Mas a resposta é sim, estou sozinho. Eu sinto a presença dos outros mas não consigo vê-los ou ouvi-los, tenho a ilusão de que estou sozinho.

Mas antes de contar essa parte vou tirar mais uma dúvida, estou escolhendo para onde vou, é fácil só escolher a porta dos céus. Não é assim, o céu tem que te chamar, ou então, mesmo escolhendo a porta dos céus, você vai para o inferno. Continuando: no meu caminho encontrei duas portas, não sabia qual era céu e inferno, até que cheguei mais perto e vi nomes: céu - inferno. Fiquei ali parado sem saber o que fazer, até que uma coisa muito forte começou a me puxar. Não sabia se era céu ou inferno, mas quando cheguei em frente às duas portas, fui puxado para o céu e naquele instante, senti que estava salvo.

Gabriel de Souza – 3ª Fase B

A versão final já digitada apresenta uma estrutura bem mais organizada e as inadequações corrigidas. Durante a digitação, vários alunos pediram auxílio para retirar ou acrescentar trechos de suas produções a fim de aperfeiçoá-las. Ao serem informados que seus contos seriam publicados, houve um cuidado redobrado para que tudo ficasse bem feito, pois várias pessoas visualizariam seus contos na página do Facebook.

Aluna: Kemilly Malta / 3ª fase "D"

A Casa 42

Faz pouco tempo que me mudei para a casa 42, e estou aprendendo como é difícil lidar de uma casa sozinha, confesso que já estou querendo voltar para a casa dos meus pais, pois a casa ainda está toda bagunçada cheia de coisas para arrumar.

Hoje cedo a casa estava fazendo uns barulhos estranhos mas deveria ser porque a casa é um pouco velha, uma das vizinhas veio até mim e perguntou como eu tinha coragem de morar aqui, eu fiquei surpresa com a pergunta pois não sabia do que ela estava falando, e então ela me contou que já morreram várias famílias na casa, no mesmo instante senti um calafrio passar por mim, mas não dei muita importância pois deveria ser só história para mim assustar.

Já estava anotando quando os barulhos começaram novamente, eu já tinha ido procurar de onde vem o barulho mas não consegui localizar a origem dele, já estava começando a ficar com um pouco de medo, saí do quarto para ir à sala arrumar algumas coisas que faltava, mas quando fui deendo os escadões fui surpreendido por um estrondo e um homem acima da escada, de repente todas as luzes da casa se apagaram, peguei o celular para tentar iluminar e olhar um interruptor o mais rápido possível, mas não deu tempo, sentir sendo empurrado da escada, e algo penetrando nas minhas costas, minha visão começou a escurer até apagar de vez, e vivi mais uma noite na casa 42.

Figura 42 - Conto: a Casa 42

A primeira versão do conto A casa 42 escrita pela aluna Kemilly da 3ª fase D, apresentou várias inadequações quanto à ortografia, pontuação e gramática, e principalmente uma mistura de tempos verbais que comprometiam a coerência do texto. Com as intervenções adequadas a aluna revisou o conto, analisou os pontos críticos a serem revistos e fez sua reescrita. A versão final do seu conto apresentou bons resultados como podemos perceber a seguir. As

alterações em diversos trechos possibilitou uma escrita mais coesa e coerente. Percebemos a evolução em vários aspectos do texto e o tom de mistério fez-se presente, fenômeno percebido durante a apresentação dos gráficos no capítulo 1 quando mostra a preferência dos jovens por histórias de terror e suspense.

A casa 42

Havia pouco tempo que eu estava morando na casa 42 e estava aprendendo como cuidar de uma casa sozinha. Já estava querendo voltar para a casa dos meus pais, pois além de ser muito difícil cuidar de uma casa ela estava toda bagunçada, com caixas espalhados por todos os lados.

Naquele dia ouvi uns barulhos muito estranhos, pensei que pelo fato de ser uma casa muito velha, seria normal. Mas uma das vizinhas veio conversar comigo e perguntou:

- Como você tem coragem de morar nessa casa?

Fiquei surpresa com a pergunta, pois não sabia do que ela estava falando. Foi quando ela me contou que naquela casa morreram várias famílias. Confesso que naquele momento senti um calafrio, um vento gelado passar por mim, mas não dei muita importância, imaginei que ela queria apenas me assustar.

Já estava anoitecendo quando começaram os barulhos. Saí à procura de onde eles estavam vindo, mas não consegui localizar a origem. Comecei a ficar com medo, saí do quarto e fui para a sala arrumar algumas coisas que ainda estavam por lá. Mas quando descí as escadas, fui surpreendida por um estrondo e um homem apareceu no alto da escadaria. De repente as luzes se apagaram e tentei localizar um interruptor com a lanterna do celular, mas não deu tempo. Fui empurrada e logo senti algo perfurando minhas costas, minha visão foi escurecendo até apagar de vez. Foi assim que me transformei em mais uma vítima da casa 42.

Kemilly Malta – 3ª Fase D

3.3 DIVULGAÇÃO DOS CONTOS PRODUZIDOS

Com a globalização há a necessidade da escola adentrar no mundo das tecnologias através do multiletramento. Para Rojo (2013), o trabalho com os multiletramentos envolvendo o uso das tecnologias é uma realidade e devemos partir das culturas popular, local ou de massa trazidas pelos alunos. Essas culturas aliadas aos gêneros, às mídias e às linguagens por eles conhecidos, propicia um trabalho dinâmico de ampliação de outros letramentos.



Figura 43 - Digitação dos contos com alunos da 3ª Fase C. (Fonte: acervo do autor.)

Após o trabalho de reestruturação dos textos, os alunos foram novamente para o laboratório de informática para digitar suas produções. Mais uma vez enfrentamos algumas dificuldades, pois o número de computadores em funcionamento havia diminuído. Agora tínhamos apenas cinco máquinas funcionando para atender uma média de 28 alunos por sala. Foi preciso improvisar e contar com a ajuda da Técnica de Laboratório, pois enquanto alguns alunos digitavam seus contos o restante da turma permanecia na sala com outras atividades.



Figura 44 - Digitação dos contos com os alunos da 3ª Fase B. (Fonte: acervo do autor.)

Foi intenso e cansativo atender dois grupos, em salas diferentes e com atividades distintas, principalmente para auxiliar os digitadores no que precisavam, pois muitos deles não sabiam utilizar as ferramentas de um editor de texto. Há profissionais que não concordam em enfrentar tantos desafios para desenvolver uma atividade diferenciada, preferindo ficar na “zona de conforto”.

Durante a digitação, os ajustes da última correção foram feitos e os textos digitados foram encaminhado para o seguinte e-mail criado para as turmas *linguaportuguesa.vcf@outlook.com*. Foi interessante ver os alunos preocupados em criar um endereço eletrônico para interagir com as atividades. A possibilidade de ter um e-mail da disciplina de Língua Portuguesa para troca de informações, encaminhamento de trabalhos e textos, despertou o interesse de alguns alunos.

O tempo estava se esgotando, e mais uma etapa precisava ser vencida: enviar as autorizações para o uso das imagens e dos textos dos alunos na página do face, no blog e em futuros eventos literários na escola. Foram duas semanas tentando juntar as autorizações para iniciar as publicações. Foi uma pena que alguns pais não aceitaram que os textos e imagens de seus filhos fossem publicados. Alguns alunos também não entregaram as autorizações, alegando que perderam ou esqueceram de entregar para os responsáveis.

Com os textos digitados e revisados, chegou o grande momento de postá-los na página do Facebook disponível em <https://www.facebook.com/autoresdavirgilio> e no blog da escola www.eevirgilio.blogspot. Cartazes foram espalhados pela escola com os endereços eletrônicos para estimular os alunos de outras turmas a visitarem os sites, curtirem ou comentarem as publicações. Alguns alunos abordaram em seus contos as questões de racismo e desigualdade social, mas a maioria preferiu dar asas à imaginação e mostrar a sua criatividade com histórias de terror e algumas histórias românticas também. Em vários contos os alunos colocaram um pouco de sua história de forma direta ou não como é o caso do conto *A história de um vencedor*, do aluno José Henrique. Em seu texto ele mostra a possibilidade de ascensão social e profissional a partir dos estudos e ressalta a vida humilde e o espírito perseverante do personagem Henrique.



Figura 45 – Página Escola Virgílio: Jovens Autores. (Fonte: <http://www.facebook.com/autoresdavirgilio>)



Figura 46 – Blog da Escola (Fonte: www.eevirgilio.blogspot.com.br)

Vejamos alguns contos que se destacaram dentre os mais de sessenta textos entregues e digitados:

A História De Um Vencedor

Henrique era um menino muito estudioso, sonhava em ser uma pessoa poderosa e muito influente na sociedade e que pudesse mudar as leis. Sonhava alto e corria atrás do que realmente lhe

interessava. Queria mudar seu país e só pensava nos outros, mas ele era um menino humilde que não tinha recursos para estudar em uma boa escola, nem fazer um bom curso.

Seu pai era bastante conhecido na cidade, tinha muitos amigos e enchia a boca para falar de Henrique. Contou a história de seu filho para um amigo, que ficou encantado e decidiu ajudar o garoto. Esse amigo contou a história do menino para o diretor da melhor escola da cidade, muito conhecida em formar grandes homens. O diretor convidou Henrique para fazer uma prova e falou que se ele fosse bem nessa prova, o ajudaria. Henrique aceitou imediatamente.

Quando o menino chegou na escola, entrou em uma sala de aula e sentou-se em uma carteira. Entregaram-lhe a prova e Henrique estava mesmo confiante. Após uma hora com a prova em mãos, o menino terminou a avaliação. Em poucas horas saiu o resultado que todos esperavam: ele havia passado no teste.

Daquele dia em diante, sua vida só melhorou. Aproveitou cada oportunidade, estudou muito e conseguiu realizar seus sonhos. Era um garoto jovem, mas que correu atrás de seus objetivos e hoje é formado em Direito. Advogado competente, sabe de seus direitos e deveres e defende o que é certo.

Hoje, Henrique mora em Madrid, viaja pelo mundo e faz o que quer. Mas nunca esqueceu de suas passado, leva na mente e no coração os amigos de escola e assim termina a história de verdadeiro vencedor.

José Henrique – 3ª Fase E

Uma Carta De Amor

Luíza e Miguel eram vizinhos, moravam em uma pequena cidade onde todos se conheciam. Os dois faziam tudo juntos, como andar de bicicleta, ler e passear. Mas o tempo foi passando, os dois cresceram e perceberam que se amavam. A cidade inteira se alegrou ao ser assumido o namoro dos dois, pois eram queridos por todos. O amor deles era lindo de se ver.

Luíza era uma linda menina, com olhos azuis e longos cabelos ruivos, e podia ser considerada como uma garota muito feliz. Já Miguel, de cabelos negros e encaracolados e bochechas rosadas, era um menino muito gentil e querido. Entretanto, os dois possuíam sonhos diferentes, que fizeram com que se separassem. Isso ocorreu no dia do aniversário de Miguel, quando Luíza foi até sua casa lhe dar os parabéns e o encontrou de malas prontas rumo à Itália, onde viveria com seus avós e estudaria gastronomia, o que era seu sonho. Então, com muitas lágrimas e um lindo beijo se despediram.

O tempo passou, foram anos e anos sem receber nenhuma notícia de Miguel. Já cansada de esperar por ele, Luíza casou-se com Benjamim, um amigo de infância. Depois de quarenta anos vivendo com Luíza alguém bate à porta, e ao abrir Benjamim se depara com um homem de cabelos grisalhos, marcados pela idade.

-Olá, aqui mora Luíza? Pergunta o homem.

-Sim. Benjamim responde.

-E onde ela se encontra?

-Luíza? Creio que em um lugar melhor!

Ao ouvir isso o homem começa a chorar e a tristeza toma seu semblante.

- Mas quem é você?

- Sou Miguel.

- Não pode ser! Luíza falou muito de você, ela te amava meu caro, mesmo estando casada comigo.

- Quando ela partiu?

- Há dois anos. Mas antes de partir ela pediu que lhe entregasse esta carta.

Então Miguel pega a carta e começa a ler:

“Meu amado Miguel, quando foi embora não pude suportar a dor de nossa separação, então tive que encontrar um outro alguém, mas não pude amá-lo como te amei! Me perdoe pelo que fiz. Mas tenho algo a lhe entregar, um quadro que pintei em homenagem ao nosso amor. Sim, realizei meu sonho de pintar quadros. Ele está enterrado junto à árvore, onde quando pequenos, escrevemos nossos nomes. Nunca se esqueça de mim Miguel, pois nunca me esqueci de você. Nunca deixei de te amar!”

Miguel foi ao local indicado, encontrou o belíssimo quadro e disse:

- Ah minha Luíza, nunca, nunca me esqueci de você em todos esses anos e nunca te esquecerei!

E lá seus olhos se fecharam e seu coração bateu pela última vez.

Aluna: Ana Paula Carvalho dos Santos – 3ª Fase A

A produção final do trabalho de Sequência Básica foi a publicação dos contos produzidos pelos alunos na página do Facebook **“Escola Virgílio: Jovens autores”**, criada com o objetivo de divulgar os textos produzidos pelos alunos da Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho. O blog da escola www.eevirgilio.blogspot, também foi utilizado como ferramenta de divulgação desses trabalhos. Como as redes sociais são usadas cada vez mais pela sociedade, entendemos que esse é um importante meio para divulgar os trabalhos dos alunos e que, conseqüentemente poderá incentivar outros colegas a também produzir e publicar seus textos, pois havendo interesse e vontade podem tornar-se autores ao verificarem que escrever não é algo distante como pode parecer.

Para finalizar a aplicação do projeto, fizemos uma sessão de cinema com cada turma. O filme escolhido foi “Escritores da Liberdade”, e apesar de não ser tão recente, todos gostaram e prestaram muita atenção em cada cena porque o tema é atual. Antes de iniciarmos o filme, foi solicitado que selecionassem alguma cena para comentarem posteriormente. Ao final do filme, fizemos um círculo na sala e cada aluno falou um pouco sobre a cena que mais gostou. Vários estudantes levantaram questões raciais e sociais presentes em diversas cenas e conseguiram estabelecer ligações entre o filme,

a realidade social, o preconceito e a desigualdade. Isso prova o quanto a literatura contribui para o crescimento intelectual do indivíduo, proporcionando a reflexão da realidade que os cerca. Houve uma significativa interação dos alunos na discussão do filme. Foi muito satisfatório verificar o amadurecimento dos discentes em suas colocações comprovando como despertaram o senso crítico não constatado antes do início deste projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho com a literatura e o letramento é difícil falar em conclusões, no entanto os estudos apresentados neste trabalho e as práticas pedagógicas nos permitem afirmar que essas atividades desenvolvidas norteadas com a Sequência Básica do Letramento Literário foram importantes para aprimorar a leitura e a escrita dos alunos. A leitura por apreciarem obras literárias brasileiras e africanas de língua portuguesa, e a escrita por produzirem textos coesos e coerentes mediante um trabalho reflexivo de releitura e reescrita.

Percebemos que o trabalho de atividades práticas diferenciadas associado às tecnologias possibilitou resultados positivos. Mesmo exigindo mais tempo e dedicação, é importante ter em mente que o trabalho do professor e suas intervenções são extremamente importantes para estimular os alunos e promover o aprendizado.

Levando em consideração esses aspectos, os estudos teóricos são necessários para que o professor possa melhorar suas práticas pedagógicas mesmo sabendo dos desafios a serem enfrentados. Este trabalho teve como apoio as teorias de diversos autores, sobretudo as de Rildo Cosson, que contribuíram para o trabalho com a Sequência Básica do Letramento Literário, possibilitando a junção entre teoria e prática. Os resultados, ainda que tímidos, podem ser verificados mesmo num curto prazo. Deve ser um trabalho diário e persistente que depende muito da motivação do educador.

A apreciação da literatura africana fez com que os estudantes refletissem sobre questões sociais, políticas e raciais que envolvem não só Moçambique, mas que também estão arraigadas na sociedade brasileira.

Conheceram a Lei 10. 639/03 que obriga o ensino da “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo escolar e compreenderam que a desigualdade social e o racismo possuem raízes históricas e que devem ser combatidos. O estudo do gênero conto foi importante para que os alunos desenvolvessem suas habilidades na escrita e também para que refletissem sobre o uso social da linguagem. Para isso, escrever um conto que seria postado em uma rede social foi um grande incentivo, colocando-os como autores de fato.

Desde as produções iniciais até as leituras, debates e apresentações, a participação dos alunos foi positiva em todas as atividades desenvolvidas durante o projeto. Mesmo aqueles alunos que normalmente não se envolviam, contribuíram significativamente. Este trabalho foi realmente uma confirmação de que a teoria pode e deve ser colocada em prática na produção de um projeto e sua execução, e com a aceitação de desafios os resultados aparecem. O início foi tímido, mas percebeu-se cada vez mais um maior envolvimento dos alunos nas atividades propostas e a curiosidade em saber o que seria trabalhado a cada aula passou a ser rotina.

A empolgação e envolvimento do professor com os trabalhos foi fator indispensável para estimular os alunos, pois a desmotivação no início do ano letivo deu lugar a um grande envolvimento e participação dos estudantes que passaram a fazer parte de um processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na sala de aula.

O trabalho de intervenção realizado na Escola Estadual Virgílio Corrêa Filho comprovou o quanto é importante o conhecimento teórico para a preparação de um projeto. Percebe-se a resistência de muitos professores em recorrer às teorias para melhorarem suas práticas em sala de aula, pois é mais cômodo seguir apenas o livro didático e suas atividades já preparadas. Mesmo com turmas indisciplinadas e desinteressadas, as atividades diferenciadas despertaram a curiosidade e o interesse dos alunos. As atividades desenvolvidas no laboratório de informática através de sites de literatura e trabalho de digitação das produções fizeram com que os alunos participassem ativamente, e até mesmo as faltas que eram comuns, diminuíram durante o desenvolvimento do projeto. Outro aspecto importante observado foi a proximidade criada entre alunos e professor, com o desenvolvimento das

atividades os estudantes tornaram-se mais amistosos melhorando assim o relacionamento entre professor e aluno.

Dessa forma somos levados a acreditar na importância dos estudos teóricos para aprimorar nossas práticas e inserir no planejamento atividades voltadas aos multiletramentos com a finalidade de ampliar os horizontes de leitura de nossos alunos. Se a literatura é capaz de educar, tornar as pessoas mais críticas e melhores, a escola precisa proporcionar o encontro dos nossos alunos com o texto literário em suas diversas manifestações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber Português 9º ano**. São Paulo: Editora FTD S.A., 2012.

AMÂNCIO, I. M. da C.; GOMES, N. L.; JORGE, M. L. dos S. **Literaturas africanas e afro-brasileiras na prática pedagógica**. Belo Horizonte: 1ª ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, A. **Vários Escritos. O Direito à Literatura**. São Paulo: 3ª edição, Editora Duas Cidades, 1995.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CECCANTINI, J. L. **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. Cultura Acadêmica: São Paulo, 2010.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. **Letramento Literário, teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

_____ **Círculo de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOMES, N. L. **Um olhar além das fronteiras, educação e relações raciais**. Belo Horizonte: 1ª ed. Autêntica, 2010.

GOTLIB, N. **Teoria do conto**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LEAHY-DIOS, Ciana. **Educação literária como metáfora social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MATO GROSSO, Escola Ciclada de Mato Grosso: **Novos tempos e espaços para ensinar-aprender e sentir, ser e fazer**. Cuiabá: SEDUC, 2001.

PAIVA, A.; MARTINS, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. **Leitura e letramento: espaços, suportes e interfaces, o jogo do livro**. Belo Horizonte: 1ª ed. Autêntica, 2007.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

RAMOS, Rossana. **200 dias de leitura e escrita na escola**. 4 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: 1ª ed. Parábola, 2013.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. (Orgs.). **Leitura Subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SPALDING, Marcelo. **“Marcelo Spalding, escritor, jornalista, professor”**. Disponível em: <http://www.marcelospalding.com>. Acesso em: 05 de Agosto de 2014.

ZILBERMAN, Regina & Tânia M. K. Rosing. Org. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. – São Paulo: Global, 2009.

REFERENCIAS WEBGRAFICAS

BECCARI, Cristina Baida. **“Discriminação social, racial e de gênero no Brasil”**. Disponível em <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1991/Discriminacao-social-racial-e-de-genero-no-Brasil>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2015.

CAMARGO, Orson. **“Desigualdade social”**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/classessociais.htm>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2015.

FRANÇA, Zezinho. **“A história e cultura afro brasileira e a lei 10.639/03: desmitificando a inferioridade racial brasileira”**. Disponível em: <http://jaweto.blogspot.com.br/2013/04/a-historia-e-cultura-afro-brasileira-e.html>. Acesso em: 19 de Fevereiro de 2015.

MEC, Portal do. **“Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional”**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pdf/lde/lde.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

SANTOS, José de Arimatea. **“Desigualdade social, preconceito e racismo”**. Disponível em

<http://arimatea101.blogspot.com.br/2013/04/desigualdade-social-preconceito-e.html>. Acesso em: 20 de Fevereiro de 2015.

WERNECK, Keka. **“100 mil pessoas moram em 23 bairros que hoje são favelas em Cuiabá”**. Disponível em: <http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/108456>. Acesso em: 19 de Fevereiro de 2015.

APÊNDICE A: AUTORIZAÇÃO

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E TEXTOS

Eu, _____,
responsável pelo aluno(a) _____, da
turma _____, autorizo que fotos, filmagens e textos que incluam
meu/minha filho (a) sejam feitas e utilizadas:

- 1) Pela equipe da escola para fins pedagógicos;
- 2) Para fins de divulgação do trabalho da escola (informativos, encartes, folders, jornais internos e/ou semelhantes);
- 3) Para fins de publicação no blog da escola: *www.eevirgilio.blogspot.com.br*;
- 4) Para fins de divulgação no facebook.com: Escola Virgílio: Jovens Autores; Escola Virgílio Corrêa Filho.

Estou ciente de que as imagens e textos serão usados apenas para fins pedagógicos e não comerciais, resguardadas as limitações legais e jurídicas.

Número de telefone celular: _____ telefone fixo: _____

APÊNDICE B: SONHOS AMARGOS

Estava em um buraco escuro havia dois dias, bebendo a lama do chão para não morrer. Ainda não sabia o motivo do meu sequestro, logo eu, João, pobre homem sem família e amigos, magro e sofrido, fadado a andar no mundo solitário. Ouvi alguém se aproximando, mas logo se afastou. Gritei por socorro, mas não veio ninguém.

Recordei de um fato que me ocorreu há pouco tempo, eu estava procurando comida no lixo e encontrei um bilhete de loteria recente. Fiquei “feliz”. Mas não poderia ser isso. Surgiram dois homens, deram-me comida e me levaram para uma sala com luz azulada, uma grande mesa no centro e várias mulheres em volta de um homem baixo e gordo. Ele me fitou com indiferença e falou:

- Sério que é este vagabundo?

Um dos homens que me segurava, respondeu:

- O Douglas (informante do banco) nos garantiu ser este chefe.

Ele voltou a me olhar e falou:

- Leva “isso” de volta que depois veremos.

Surgiu uma grande esperança em meu coração, procurei saídas e encontrei um tubo de ventilação. Num movimento rápido, peguei uma barra de ferro e acertei os caras. Fugi e fui correndo ajeitar a minha “vida”. Quando perguntei sobre o ganhador, o atendente riu e chamou os seguranças para me tirarem dali. Agora, aqui estou, de coração e estomago doendo por viver nesta vida miserável.

Kaellen Alves - 3 fase B

APÊNDICE C: O AMOR E O PRECONCEITO

Na capital São Paulo moravam duas famílias diferentes. A primeira era uma família simples, que lutava para conseguir se manter. Nessa casa haviam sete pessoas: a mãe, que foi deixada pelo marido e seus seis filhos, sendo que um deles era dependente químico e estava envolvido no mundo do crime.

Do outro lado da cidade, vivia uma menina chamada Catarina que não media esforços para ajudar quem mais precisava. Certo dia

ela foi até a favela para conhecer uma área que estava sendo muito afetada pelas drogas. Chegando lá viu toda aquela cena triste de usuários de drogas. Nesse dia, encontrou um rapaz já desmaiado, fraco e faminto, que estava sob o efeito de drogas. Naquela hora sentiu algo diferente por aquele rapaz negro de olhos castanhos e cabelos negros. Rapidamente chamaram a ambulância e ela o acompanhou até o hospital.

O rapaz foi liberado em poucas horas, mas quando Catarina voltou pra casa, não conseguia mais pensar em nada, a não ser ajudar aquele rapaz. Passaram-se os dias e ela voltou à favela em busca de informações sobre a vida dele. Com passar dos dias, o sentimento por aquele maço foi crescendo, ela já estava perdidamente louca de amor por ele. Depois que ela começou ajudá-lo a sair das drogas, eles ficaram mais próximos. Catarina estava mesmo disposta a tirar Rafael daquele vida.

Os dois começaram a namorar, porém a família de Catarina não aceitava Rafael pelo fato do rapaz ser negro. Logo Rafael começou a receber ameaças, até que um dia, o pai de Catarina marcou um encontro com Rafael. Ao chegar no local marcado, mal sabia aquele homem, que Catarina já sabia do encontro e estava ali no local. Já estava tudo preparada, o homem faz um disparo certo e fatal. Mas ele não sabia que aquele tiro tiraria a vida da sua filha amada, que morreu na hora, sem chances.

Haniely Valeriana Vieira - 3 Fase B

APÊNDICE D: A CASA FANTASMA

Camila sempre teve o sonho de morar sozinha, e esse sonho estava prestes a se realizar. Ela estava se mudando para Londres, a cidade de seus sonhos. Ia estudar na universidade que tanto queria. Sua vida estava uma maravilha e o dia de sua mudança havia finalmente chegado.

Ao chegar na casa nova, achou tudo meio estranho. A casa parecia totalmente diferente da imagem que ela tinha, parecia abandonada, mas ela não se deixou abalar, arrumou todas as coisas a seu gosto. À noite, Camila resolveu ir ao supermercado e encontrou seu vizinho Austin, ele a cumprimentou, mas ele lhe deu uma notícia que ela nunca queria ter recebido: que muitas garotas, com os mesmos sonhos, objetivos e metas que ela,

morreram ali. Muitos sonhos destruídos pelo fantasma de uma mulher invejosa que não se deu bem na vida.

Depois de saber dessa notícia, Camila saiu correndo para casa e levou um grande susto, suas coisas estavam todas jogadas no chão e havia muitas pegadas de sangue. Quando Camila olhou para trás, uma mulher horrível estava lá, ela tinha cabelos enormes jogados em seu rosto, tinha um semblante demoníaco, presa em correntes e com roupas brancas manchadas de sangue.

Camila correu pelas escadas morrendo de medo e a mulher corria atrás dela com uma faca na mão. Com uma voz assustadora gritava: “*Sua Alma*”, “*Sua Alma*”. A mulher passou a faca na perna de Camila e ela caiu no chão. Não aguentando mais correr, ela começou a perder muito sangue, e a mulher se aproximou mais e mais. Foi quando Austin chegou com uma espada de ouro, banhada em água benta e fincou nas costas da mulher. Nesse momento a maldição foi quebrada.

Austin ajudou Camila e a levou para um hospital. Ela se mudou daquela casa. Austin e Camila se aproximaram muito. Alguns anos depois eles se casaram e essa história foi passada de geração em geração.

Jaynna Nara Almeida Oliveira - 3º Fase “D”

APÊNDICE E: E QUANDO O CÂNCER VEM À TONA?

Uma vida cheia de alegria, um menino lindo com um milhão de sonhos. Ricardo vivia em um pequeno sítio com seus pais, estudava em uma escola da região, tinha amigos maravilhosos e era muito popular entre eles. Ricardo nunca se envolveu com muitas garotas, mas um dia, Maria o conquistou. Eles começaram a namorar e em pouco tempo já estavam muito apegados, dividiam sonhos e segredos.

Um dia, Ricardo acordou com um mal-estar, achou que não era nada de mais, mesmo assim falou com seus pais. Aquilo começou a virar rotina, todos os dias ele tinha os mesmos sintomas. Os pais de Ricardo levaram-no até a cidade e depois de vários dias de exames os médicos concluíram:

— Você está com câncer!

Depois daquelas palavras, a vida de Ricardo nunca mais foi a mesma, eles se mudaram para a cidade e ele, definitivamente, daria um tempo em seu namoro. A partir daí foi tudo muito rápido. Os dias passavam e Ricardo só piorava, a tristeza nos olhos dos pais era desesperadora. Maria conseguiu visitar seu namorado, passaram o dia juntos, para ele o melhor de todos aqueles dias que estava passando. Mas uma escuridão tomou conta dos olhos de Ricardo, era o fim para ele.

Ana Lucia - 3º A

APÊNDICE F: O PENHASCO

Há muito tempo atrás, um homem alto, magro, de olhos castanhos claros, chamado Oscar, havia se casado com Ester. Ela estava grávida e quando foi dar à luz ao primeiro filho deles, ela sofreu muito e o bebê nasceu morto. Ester morreu no parto. Oscar entrou em depressão, não só pela sua esposa mas por que seus pais haviam morrido num acidente de carro, muitos diziam que ele estava ficando louco.

Dois anos depois, em um dia nublado, Oscar pegou o seu carro e foi para um lugar chamado “o penhasco”. Era um ponto turístico, mas onde algumas pessoas já tinham se matado. Chegando lá na portaria, ele encontrou um homem velho, magro, barbudo, bem estranho. Esse velho aconselhou Oscar a não entrar, porque geralmente as pessoas que estavam lá sozinhas acabavam se matando. Mas Oscar não ligou e foi indo por uma estrada de terra. Nessa estrada, havia várias placas dizendo para não seguir em frente e quando ele finalmente chegou ao penhasco, não havia ninguém lá, por que já tinha anoitecido. Então ele deixou o farol do carro ligado e foi até a beira do penhasco. Olhou para baixo e não conseguiu ver o que tinha lá embaixo, pois era muito alto. Pensou muito na sua vida e antes de pular, pediu perdão para seus pais, olhou para o céu e disse:

Ester, já estou indo conhecer o nosso filho.

Gabriela Mendes Gonçalves – 3ª fase C

APÊNDICE G: TRÊS AMIGOS E UMA HISTÓRIA

Na escola “Dom Joaquim Do Nascimento” exatamente na 3ª fase “c” estudavam três amigos, muito ligados desde a infância (do maternal ao ensino médio). Não eram muito dedicados aos estudos, um brincava muito e fazia a metade das tarefas propostas, outro brincava, mas fazia a maioria das tarefas e o terceiro brincava sempre, e não fazia absolutamente NADA!

Esses alunos se chamavam: Marco Antônio, Nilton Júnior e o mais atrasado Jhonatan. Eles perturbavam tanto a vida dos professores, até que um deles se revoltou e convocou os pais dos alunos para uma reunião, que tinha como objetivo expulsar os três amigos da escola. Aí bateu a decepção.

Depois da reunião, o coordenador falou para os três que se não melhorassem o comportamento seriam expulsos, logo depois disso marcaram uma reunião para discutir sobre o assunto. Na reunião, Marco e Nilton decidiram mudar e ter um futuro melhor, mas Jhonatan, orgulhoso demais, ergueu a cabeça e disse que não ia mudar seu comportamento só por causa dos professores. Bom, logo depois disso, os amigos retornaram para a escola, mas depois de um mês o coordenador ligou para a mãe de Jhonatan e disse que seu filho estava expulso. Sua mãe chorou mais uma vez por seu filho, mas aí ele pensou melhor disse para si próprio:

- O que estou fazendo com a minha vida? Não é esse o futuro que eu quero pra mim.

Mãe e filho foram para casa e tiveram uma conversa séria, Jhonatan estava muito arrependido e prometeu melhorar seu comportamento na escola nova. Depois que terminou o ensino médio, chegou até uma faculdade, porém, uma coisa o deixava triste: ele não tinha mais a companhia de seus amigos de infância e por ter estudado em uma outra escola, eles mal se falavam.

Mas essa história não podia acabar assim. Na faculdade, no seu primeiro dia de aula, ele entra na sala e se apresenta para a professora. Mas quando ele olha para o fundo da classe, lá estavam seus amigos fazendo a mesma faculdade que ele. Os três se abraçaram, conversaram muito e depois foi só risada com histórias de cada um ao longo de sua distância.

No final os três se formaram e hoje trabalham em uma grande empresa de tecnologia aqui no Brasil, com futuro garantido e o melhor de tudo Jhonatan tinha de novo o orgulho de sua mãe.

Jhonatan dos Santos – 3ª fase C

APÊNDICE H: O TESTE

Na Escola Estadual São José Do Campo, havia um rapaz do terceiro ano do ensino médio chamado Luanderson. Ele adorava jogar bola, era bem aplicado aos estudos, mas certo dia ele chegou trombudo na escola e seu amigo Natanael perguntou:

- O que houve Luan?!

- Estou nervoso, preocupado, como não pude vir à aula ontem não me avisaram que teria teste de todas as matérias. Não estudei, pois estava trabalhando e agora o que vou fazer? Não posso tirar nota baixa, este é meu último ano, não quero não posso reprovar...

- Calma. O que te faz pensar que irá reprovar? Não sabe nem o que irá cair no teste! E caso queiras, vamos até a biblioteca para revisarmos todos os conteúdos, nem que para isso eu tenha que pedir ajuda a nossa nova professora, Ana Cristina, quem sabe ela pode nos ajudar [...]

Luanderson resolveu ouvir o conselho de Natanael e procurou a professora Ana Cristina.

- Em que posso ajuda-los?

- Preciso de sua ajuda para o teste de todas as matérias...

- Luanderson, nada posso fazer, pois acabou de bater o sinal, você precisa voltar para sala, o teste vai começar.

- Estou nervoso, mas preciso fazer...!!

Mas a direção da escola recebeu uma ligação do pai de Luanderson, que percebeu o nervosismo do filho, afinal, seu sonho era ser doutor. Para Luanderson, o importante não era status e reconhecimento, mas sim, salvar a vida das pessoas e ajudar o próximo.

Assim que o pai contou o que aconteceu, a secretária foi até a sala e explicou à professora. Luanderson foi conversar com a professora, ela aplicou o teste e para a alegria do menino e de seu pai, o resultado foi nota dez.

Luanderson era um bom aluno e muito inteligente também, só precisava confiar em si mesmo.

Aline Dias Aguiar – 3ª fase E

APÊNDICE I: O SEQUESTRO

Amanda morava em uma casa no subúrbio de São Paulo, junto com seu namorado Paulo. No decorrer da semana Amanda e Paulo tiveram uma briga e como ela estava muito brava resolveu sair para caminhar pela vizinhança. No dia seguinte Paulo acordou bem cedo mas não encontrou Amanda. Primeiro ele tentou se comunicar com ela e como não conseguiu, ligou para os pais da moça.

Olá, quem fala é o Paulo.

Dona Marluce responde:

Olá Paulo, como vai?

Não estou muito bem, é que eu e a Amanda brigamos ontem e eu queria saber se ela foi dormir ai com vocês.

Não Paulo, ela não veio aqui.

Dona Marluce temendo o pior foi até à polícia enquanto Paulo tentava obter informações dos vizinhos e das amigas de Amanda.

Uma semana se passou e nenhuma notícia da garota. Na segunda semana dona Marluce recebeu um telefonema, o sujeito afirmava estar com Amanda e queria receber 1 milhão de reais. Dona Marluce entrou em desespero, chamou a polícia para tentar localizar a filha desaparecida.

Nos dias seguintes Dona Marluce recebeu vídeos que mostravam sua filha sendo torturada. A polícia não conseguiu localizar Amanda, então eles resolveram pagar o resgate para o sequestrador. Eles combinaram onde deixariam o dinheiro e onde o sequestrador deixaria Amanda.

A polícia deixou o dinheiro no lugar combinado e ficaram esperando o sequestrador aparecer. Logo depois apareceu um sujeito de moto e pegou a maleta e incrivelmente a polícia não conseguiu capturá-lo. Enquanto isso, a outra equipe da polícia chegou ao cativo de Amanda, mas o pior aconteceu, ela estava morta. Até hoje não encontraram o sequestrador.

Vinícius Dala Riva - 3º fase "D"

APÊNDICE J: A MENINA QUE AMAVA ALGUÉM

Há muito tempo atrás, conheci uma menina de olhos verdes, o nome dela era Júlia. Ela estava amando alguém, esse menino para ela era tudo, mas não era assim como um conto de fadas. Ele não gostava de Julia, só como amiga, mas isso para ela era muito importante.

Júlia odiava quando as meninas olhavam para Miguel, pois gostar de alguém não é opção, acontece. Ele só estava brincando com os sentimentos de Julia, que descobriu que nem a amizade de Miguel era verdadeira. Sabe o que Júlia disse para ele? Disse que a coisa mais cruel que se pode fazer, é permitir que alguém se apaixone por você quando você não pretende fazer o mesmo.

Júlia sofreu, mas esqueceu esse tal Miguel e encontrou um menino que a amava de verdade, seu nome era Diego. Ele aceitou Júlia com seus defeitos e virtudes, completando assim a sua vida. Esse garoto era especial, mas agora era especial de verdade, pois além de namorado ele era amigo.

Desse dia em diante, Júlia não mais acreditou naquele ditado “*os homens são todos iguais*”. Foi assim que ela começou a acreditar num outro ditado popular que diz assim: “quem inventou isso (os homens são todos iguais), foi uma chinesa que perdeu o marido numa multidão”.

Cintia Carolina Centurião – 3ª fase C

ANEXO 1: O MENDIGO SEXTA-FEIRA JOGANDO NO MUNDIAL

O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial

Lhe concordo, doutor: sou eu que invento minhas doenças. Mas eu, velho e sozinho, o que posso fazer? Estar doente é minha única maneira de provar que estou vivo. É por isso que frequento o hospital, vezes e vezes, a exhibir minhas maleitas. Só nesses momentos, doutor, eu sou atendido. Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo. Os doentes são a minha família, o hospital é o meu teto e o senhor é o meu pai, pai de todos meus pais.

Desta feita, porém, é diferente. Pois eu, de nome posto de Sexta-Feira, me apresento hoje com séria e verídica queixa. Venho para aqui todo desclaviculado, uma pancada quase me desombrou. Aconteceu quando assistia ao jogo do Mundial de Futebol. Desde há um tempo, ando a espreitar na montra do Dubai Shopping, ali na esquina da Avenida Direita. É uma loja de tevês, deixam aquilo ligado na montra para os pagantes contraírem ganas de comprar. Sento-me no passeio, tenho meu lugar cativo lá. Junto comigo se sentam esses mendigos que todas sextas-feiras invadem a cidade à cata de esmola dos muçulmanos. Lembra? Foi assim que ganhei meu nome de dia da semana.

Veja bem: eu, que sempre fui inútil, acabei adquirindo nome de dia útil. É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um teto nesse momento. Um teto que nos cobre neste e noutros continentes. Só há ali um no entanto, doutor. É que sou atacado de um sentimento muito ulceroso enquanto os meus olhos apanham boleia para a Coreia do Sul. O que me inveja não são esses jovens, esses finta-bolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras para perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro,

rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?

Eu sei, doutor, lhe estou roubando o tempo. Vou direto no assunto do meu ombro. Pois aconteceu o seguinte: o dono da loja deu ontem ordem para limpar o passeio. Não queria ali mendigos e vadios. Que aquilo afastava a clientela e ele não estava para gastar ecrã em olho de pobre. Recusei sair, doutor. O passeio é pertença de um alguém? Para me retirarem dali foi preciso chamar as forças policiais. Vieram e me bateram, já eu estendido no chão e eles me ponteavam, com raiva como se não me batessem em mim, mas na sua própria pobreza. Proclamei que hoje voltaria mais outra vez, para assistir ao jogo. É que jogam os africanos e eles estão a contar comigo lá na assistência. Não passam sem Sexta-Feira. O dono da loja me ameaçou que, caso eu insistisse, então é que seria um festival de porrada. O que eu lhe peço, doutor, é que intervenha por mim, por nós os espectadores do passeio da Avenida Direita. O proprietário do Dubai Shopping não vai dizer que não, se for um pedido vindo de si, doutor.

Pois eu, conforme se vê, vim ao hospital não por artimanha, mas por desgraça real. O doutor me olha, desconfiado, enquanto me vai espreitando os traumatombos. Contrariado, ele lá me coloca sob o olho de uma máquina radiográfica. Até me atrapalho com tanta deferência. Até hoje, só a polícia me fotografou. Se eu soubesse até me tinha preparado, doutor, escovado a dentuça e penteado a piolheira. Quando me mostram a chapa, porém, me assalta a vergonha de revelar as minhas pobres e desprevenidas intimidades ósseas. Quase eu grito: esconda isso, doutor, não me exhiba assim às vistas públicas. Até porque me passa pela cabeça um desconfio: aqueles interiores não eram os meus. E o doutor não fique espinhado! Mas aquilo não são ossos: são ossadas. Eu não posso estar assim tão cheio de esqueleto. Aquela fotografia é de chamar saliva a hienas. Sem ofensa, doutor, mas eu peço que se deite fogo nessa película. E me deixe assim, nem vale a pena enrolar-me as ligaduras, aplicar-me as pomadas. Porque eu já vou indo, com as pressas. Não esqueça de telefonar ao dono da loja, doutor. Não esqueça, por favor. Foi por esse pedido que eu vim. Não foi pelo ferimento. E logo me desando, já as ruas desaguam. Chego à loja dos televisores e me sento entre a mendigagem. Veja

bem: tinham-me guardado o lugar em meu respeito. Isso me comove. Afinal, o doutor sempre telefonou, sempre se lembrou do meu pobre pedido.

Ainda há gente neste mundo! Meus olhos brilham olhando não o jogo, mas as pessoas que olhavam a montra. Quem disse que a televisão não fabrica as atuais magias? O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.

Afinal, o vermelho é do cartão ou será o meu próprio sangue? Não há dúvida: necessito de assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha - o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.

(Mia Couto)

- 1) Explique como é a vida do mendigo Sexta-Feira e como ele é tratado pelas pessoas.*
- 2) Qual a sua opinião a respeito dos sentimentos do mendigo quando ele descreve suas idas ao hospital?*
- 3) Por que o dono da loja agia daquela forma com os mendigos? Isso acontece em nossa sociedade? Explique.*
- 4) No conto, percebemos como as pessoas de classes sociais diferentes são tratadas. É possível perceber o preconceito em nosso meio social também? De que forma acontece?*
- 5) Percebemos claramente que vivemos em um país onde a desigualdade social e de direitos é grande, bem como o preconceito em relação às diferenças sociais, raciais, religiosas, de gênero, dentre outras. Quais os*

fatores que, em sua opinião, são responsáveis pela existência do preconceito e principalmente pela desigualdade social em nosso país? Explique.

- 6) De acordo com o que estudamos e assistimos sobre Moçambique, é um país muito pobre e que sofre com a miséria, doenças, e diversos problemas resultantes da luta pela independência e pela guerra civil. É possível, mesmo com nosso país sendo mais desenvolvido, encontrarmos pontos em comum entre os dois países? Explique.*
- 7) Nos dois últimos parágrafos do conto, Sexta-Feira narra uma partida de futebol. Mas o que realmente está acontecendo? Descreva.*

ANEXO 2: O GRANDE ENCONTRO

O grande encontro

Era uma vez um Autor com uma vaga ideia para uma nova história. E como nessa história tinha vaga de verdade para um grande Personagem, pensou em começar sua busca colocando um anúncio no jornal.

"Procura-se um Personagem disposto a viver aventuras eletrizantes. Não é necessário ter experiência no tema, mas algumas características serão especialmente consideradas: um certo preparo físico, raciocínio rápido e personalidade carismática."

O primeiro candidato a se apresentar foi logo dizendo:

- Participei de passagens importantes de muitos livros famosos, imortalizados por personagens estrelados.

- Ah, parabéns! O senhor tem razão. Os grandes personagens não envelhecem. Mas, se entendi bem, o senhor nunca foi o protagonista desses enredos, certo? Enfim... É uma pena, mas um coadjuvante de idade avançada não é o que busco. Desculpe!

Dois dias e muitas páginas amassadas depois, o Autor recebe outro candidato - um tipo muito sincero, mas bastante imaturo.

-Já passei por muitas imaginações, mas...

- Mas?

-Nunca cheguei ao papel ...

- Ah ...

- Tenho muito potencial, mas...

- Mas?

- Preciso de alguém que acredite em mim, que me decifre e me revele com todas as letras, entende?

- Você é muito interessante. Mas...

Na semana seguinte, com a cabeça embaralhada e ainda sem um herói à vista, o Autor começa a pensar em outras possibilidades e, repentinamente, tem uma grande ideia: e se o narrador transformasse a própria aventura em Personagem? Animado, ele já ia colocar o texto em ação quando o telefone toca.

- Bom dia. Posso falar com o Autor?
- E o senhor é ...?
- O Personagem.
- Ah, claro, o anúncio...
- Exato, o anúncio. Muito bem escrito, por sinal.
- ...?
- Quantos livros o senhor publicou?
- ... !?!
- Alô? Alô, o senhor está na linha?
- Sim... Claro, estou ouvindo... Continue, por favor!

- Desculpe! Espero que não me leve a mal, mas preciso saber um pouco mais sobre o seu estilo, como é o seu processo criativo, quais gêneros o senhor domina, se tem livros premiados... É que não me encaixo com naturalidade em qualquer texto. Tenho que sentir alguma consistência literária, entende?

O Autor experimentou vários estados de espírito. No início, ficou atônito. Mais que isso, catatônico! Depois, a palavra certa seria "irritado". Mas, pouco a pouco, foi se sentindo, como dizer? impressionado! Pois, à medida em que respondia às perguntas do Personagem, foi se surpreendendo mais e mais com suas próprias palavras.

No dia seguinte, conversaram de novo. E no outro, outra vez.

Trocaram ideias durante tanto tempo que acabaram se tornando grandes amigos. Anos depois, eram tão íntimos que um logo adivinhava o que o outro tinha acabado de pensar e, juntos, inventaram histórias fabulosas.

Silvana Tavano

ANEXO 3: FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

AUTOAVALIAÇÃO: Após a produção de seu conto, faça a seguinte avaliação:

- 1) O título desperta a atenção do leitor?*
- 2) O conto apresenta uma extensão curta?*
- 3) O personagem foi bem caracterizado?*
- 4) O texto foi iniciado de maneira interessante?*
- 5) O uso de adjetivos e advérbios foi moderado?*
- 6) Houve utilização de palavras sinônimas para evitar repetições desnecessárias?*
- 7) O seu conto causou surpresa e quebra de expectativa no leitor?*